



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

CARLOS SILVA DA COSTA BRITO

PAISAGEM E LUGAR: A Percepção dos Professores de Escolas
Públicas Acerca do Espaço Escolar como Paisagem do Medo

MANAUS - AM
2025

CARLOS SILVA DA COSTA BRITO

PAISAGEM E LUGAR: A Percepção dos Professores de Escolas Públicas
Acerca do Espaço Escolar como Paisagem do Medo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (PPGEOG-UFAM), área de concentração: "Amazônia: Território e Ambiente". Como requisito para à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Linha de pesquisa: Espaço, Território e Cultura na Amazônia

Orientadora: Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira

MANAUS - AM

2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B862p Brito, Carlos Silva da Costa

Paisagem e lugar: a percepção dos professores de escolas públicas acerca do espaço escolar como paisagem do medo / Carlos Silva da Costa Brito. - 2025.
81 f. ; 31 cm.

Orientador(a): Amélia Regina Batista Nogueira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Manaus, 2025.

1. Percepção. 2. Fenomenologia. 3. Paisagens do medo. 4. Lugar do medo. I. Nogueira, Amélia Regina Batista. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título

CARLOS SILVA DA COSTA BRITO

**PAISAGEM E LUGAR: A Percepção dos Professores de Escolas Públicas
Acerca do Espaço Escolar como Paisagem do Medo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (PPGEOG-UFAM), área de concentração: “Amazônia: Território e Ambiente”. Como requisito para à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Linha de pesquisa: Espaço, Território e Cultura na Amazônia

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira
(Orientadora - Universidade Federal do Amazonas - PPGEOG/UFAM)

Profa. Dra. Adorea Rebello da Cunha Albuquerque
(Membro Interno - Universidade Federal do Amazonas - PPGEOG/UFAM)

Profa. Dra. Vilma Terezinha de Araújo Lima
(Membro Externo - Universidade do Estado do Amazonas – PPGeo/UEA)

A todos os professores que, mesmo com as adversidades, continuam firmes em seu propósito de ensinar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus Orixás e meus bons guias por todo axé, toda luz, força, proteção e por nunca me deixarem sozinho nessa longa caminhada.

Agradeço a minha mãe Patrícia Sousa por ser meu grande espelho, por ser tão batalhadora, por sempre me incentivar a continuar estudando, mas sobretudo por me ensinar que a educação é a melhor ferramenta de crescimento e me ensinar a ter consciência de classe.

Quero agradecer também ao meu marido Miguel Brito por todo seu apoio, incentivo, preocupações e (principalmente) paciência com meu estresse e minhas crises. Acima de tudo obrigado por me fazer conhecer de verdade a Geografia.

Agradeço também a minha sogra D. Edna Sá por sempre torcer por mim, por todos os parabéns e as palavras de carinho e afeto que me fazem tão bom.

Agradeço imensamente à Professora Dra. Amélia Nogueira por aceitar me orientar e por ter acreditado no meu projeto de pesquisa. Por toda sua paciência e companheirismo, seus ensinamentos, mas principalmente por ter me mostrado como a Geografia pode ser bem maior do que eu achava que era.

Às professoras Dra Adorea Rebello e Dra Vilma Lima por terem aceitado compor a Banca de Defesa e por toda troca de informação e conhecimento que foram fundamentais para a construção desta dissertação.

A todos os meus Professores por serem a pedra fundamental para a minha formação pessoal e acadêmica.

A Universidade Federal do Amazonas, ao Programa de Pós Graduação em Geografia e a todos os professores por auxiliar na construção do meu conhecimento e pela contribuição nesta dissertação.

Agradeço também a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo incentivo e investimento na produção científica da Geografia no Amazonas.

Agradeço a Secretaria de Estado de Educação e Desporto pela colaboração e autorização para a realização desta pesquisa.

Agradeço também a todos os Professores que aceitaram participar desta pesquisa compartilhando suas experiências (e indignações), pois sem seus relatos essa pesquisa não teria se consolidado, MUITO OBRIGADO!!!

Por fim agradeço ao amigo Cleverton por ter me salvado umas 4 vezes consertando o meu computador para que eu pudesse concluir essa Dissertação.

*“A Escola não deveria ser um espaço de medo,
As pessoas deveriam se sentir protegidas quando vão à escola e voltam para
suas casas.
Eu gostaria que todos os líderes se juntassem a mim para ouvir alunos e
professores que estão levando essa questão importante e eu espero que a gente
não veja mais notícias como essas.
A escola deve ser um lugar seguro para todos”.*

Malala Yousafzai
Entrevista concedida ao Fantástico em 2023

RESUMO

A percepção é o sentido fundamental para compreender o mundo vivido e a sua relação com o meio ambiente que os sujeitos estão inseridos. Desse modo, esta pesquisa procura entender a percepção dos professores sobre o ambiente escolar, analisando-o sob a perspectiva da Geografia Humanista e da Fenomenologia. Visando compreender como as escolas podem ser concebidas como "Paisagens do Medo", influenciadas pela localização, condições de segurança e dinâmicas sociais, afetando a vivência docente. Assim a pesquisa tomou como base os seguintes questionamentos: Em quais contextos as escolas deixam de ser um Lugar de Trabalho e assumem características de Paisagens ou Lugares do Medo para os docentes? De que forma a localização das escolas influenciam na percepção que os professores têm destas instituições? Há uma diferenciação na metodologia e didática adotada pelos professores nas escolas em que trabalham motivada pela sensação de insegurança? Para isso foram organizados dois procedimentos metodológicos, o primeiro se deu por meio do levantamento de referências que possibilitam seu embasamento teórico. O segundo procedimento para a construção da pesquisa foi a pesquisa/trabalho em campo com o objetivo de conhecer as escolas e conversar com os professores sobre suas percepções acerca da mesma. Assim foi possível identificar que muitos docentes experimentam o espaço escolar como um ambiente de vulnerabilidade e insegurança, o que impacta diretamente na sua prática pedagógica e nas relações interpessoais dentro da escola.

Palavras-Chave: Percepção. Paisagens do Medo, Lugar do Medo

ABSTRACT

Perception is the fundamental sense for understanding the lived world and its relationship with the environment in which subjects are inserted. Thus, this research seeks to understand teachers' perception of the school environment, analyzing it from the perspective of Humanist Geography and Phenomenology. Aiming to understand how schools can be conceived as 'Landscapes of Fear,' influenced by location, security conditions, and social dynamics, affecting the teaching experience. The research was based on the following questions: In which contexts do schools cease to be a Place of Work and assume characteristics of Landscapes or Places of Fear for teachers? How does the location of schools influence the perception teachers have of these institutions? Is there a differentiation in the methodology and teaching approach adopted by the schools where they work, motivated by the feeling of insecurity? For this, two methodological procedures were organized. The first was through a survey of references that enable its theoretical foundation. The second step in constructing the research was field research/work, aimed at understanding the schools and discussing with teachers their perceptions about it. Thus, it was possible to identify that many teachers feel the school environment as a space of vulnerability and insecurity, which directly impacts their pedagogical practice and interpersonal relationships within the school.

Keywords: Perception, Landscapes of Fear, Place of Fear

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGP – Agente de Portaria

CDEs - Coordenadoria Distrital de Educação

EJA - Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não Binarias e Mais.

NISE – Núcleo de Inteligência em Segurança Escolar

PS – Processo Seletivo

SEAI – Secretaria Executiva Adjunta de Inteligência

SEDUC - Secretaria de Estado de Educação e Desporto

SSP - AM – Secretaria de Segurança Pública

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. CAPÍTULO 1 - PAISAGEM E LUGAR: A CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS	19
1.1. A Geografia: da descrição à percepção dos sujeitos.....	20
1.2. A Fenomenologia e as Bases da Geografia Humanista.....	24
1.3. Paisagem: um breve olhar sobre as contribuições desta categoria geográfica.....	28
1.4. Lugar: a construção do conceito na Geografia Humanista.....	34
2. CAPÍTULO 2 - A ESCOLA COMO UM ESPAÇO VIVIDO	38
2.1. A Organização das Escolas Estaduais em Manaus.....	39
2.2. As Escolas Podem ser Paisagens e Lugares do Medo?.....	42
3. A ESCOLA ENQUANTO PAISAGEM DO MEDO: O OLHAR DOS PROFESSORES	50
3.1. A Geografia a Partir das Experiências Humanas: a percepção.....	51
3.2. Os Professores e a Escola.....	56
3.2.1. Sentimentos e Experiências dos Sujeitos.....	57
3.2.2. Violência e Falta de Segurança.....	62
3.2.3. Impacto na Prática Docente.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	76
ANEXOS	81

INTRODUÇÃO

As pesquisas cujo foco tratam-se de escolas ou instituições de ensino, no geral, visam a compreensão dos procedimentos metodológicos e didáticos adotados pelos profissionais docentes, a matriz curricular que compõe as disciplinas escolares, a relação professor-aluno e o processo de ensino/aprendizagem.

Nota-se a invisibilização de todos os sujeitos que compõem o ambiente escolar enquanto sujeitos com sentimentos e vivências, tornando-os apenas elementos integrantes da paisagem.

Esta pesquisa surge durante o “Encontro dos Estudantes de Geografia do Amazonas” ocorrido na Universidade Federal do Amazonas em que houve a apresentação voltada a produção de mapas mentais relacionados a Paisagens do Medo a partir da percepção de estudantes de Manaus.

Durante a apresentação ocorreu a fala de uma professora participante a qual relatou sua experiência em uma escola da rede pública de Manaus, escola essa em que a professora desenvolvia um projeto.

A professora relatou que precisou chamar atenção de um estudante e, então, passou a sofrer ameaças. A docente parou de frequentar a escola por conta da sensação de medo que a mesma passou a ter naquele ambiente.

Enquanto estudante de um curso de licenciatura, presenciando esta fala da professora, passei a me questionar sobre a forma como ocorrem as vivências na escola, a partir da percepção dos professores.

A partir desse contexto esta pesquisa buscou analisar e responder alguns questionamentos inquietantes: Em quais contextos as escolas deixam de ser um Lugar de Trabalho e assumem características de Paisagens ou Lugares do Medo para os docentes? De que forma a localização das escolas influenciam na percepção que os professores têm destas instituições? O turno em que trabalham é influenciado pela localização das escolas? Há uma diferenciação na metodologia e didática adotada pelos professores nas escolas em que trabalham motivada pela insegurança?

Em vista disso, esta pesquisa assumiu, como parte de sua proposta, estabelecer a relação que existe entre a vivência cotidiana no espaço e o medo, a qual nos permite evidenciar as Paisagens do Medo. O medo pode ser

percebido a partir das diferentes nuances na sociedade e estas são determinadas a partir da materialização e consolidação das relações espaciais estabelecidas pelos sujeitos na sociedade.

A relação entre o espaço vivido, a criação de afetividade e o medo são pontos importantes que devem ser analisados tendo em vista que alteram a rotina dos profissionais de educação quando estes não se sentem seguros em seu local de trabalho, sendo esta sensação de insegurança fruto da experiência vivida, enquanto sujeitos que vivenciam o espaço e/ou da experiência de outros sujeitos.

Manaus foi escolhida como o *lócus* desta pesquisa, pois a cidade, segundo o Atlas da Violência dos Municípios, IPEA (2019), é identificada como a terceira colocada, em relação aos índices de violência entre os municípios do Amazonas, mais precisamente relacionados à taxa de letalidade. Dessa forma, constantemente a população é alvo de notícias alarmantes acerca da violência na capital pela mídia impressa, online e televisiva.

Além do exposto acima, considerou-se o fato de a capital amazonense concentrar grande parte da população que habita o estado além de ser uma das principais cidades da região norte, foco de intensos processos migratórios.

Desse modo, observam-se as consequências que essa grande concentração populacional acarreta, como o aumento dos problemas sociais por ineficiência de políticas voltadas à segurança pública que sejam capazes de atender a população.

Tendo em vista o exposto acima relacionado aos índices de violência nas grandes cidades, se faz necessário voltar nossos olhares para os espaços das escolas. As escolas refletem costumes e fazeres das cidades, por essa razão os alarmantes índices de violência também fazem parte do cotidiano escolar, alterando as relações dos sujeitos, visto que esses passam a vivenciar momentos de intranquilidades e de medo, no caso dos professores, em seu lugar de trabalho.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral compreender, a partir da percepção dos professores, como estes observam os espaços das escolas enquanto Paisagens e Lugares.

Para alcançar este objetivo foram propostos os seguintes objetivos específicos: Contextualizar as categorias Paisagem e Lugar na perspectiva da

Geografia fenomenológica; entender, a partir da percepção dos docentes, como se dá às suas relações e vivências nas escolas com os outros sujeitos que as compartilham; compreender se estas escolas podem ser concebidas enquanto uma Paisagem e/ou Lugar do Medo pelos professores e; demonstrar como a percepção dos professores nas escolas reflete na relação ensino-aprendizagem dos estudantes.

Nossa intenção foi compreender a realidade e a vivência dos sujeitos em Manaus, com todas as suas singularidades e particularidades. À vista disso, o viés fenomenológico contribui ao processo de construção, interpretação e análise do objeto de estudo, com a finalidade de permitir uma melhor interpretação das percepções que os docentes detêm de suas vivências nas escolas.

A análise das relações que os docentes têm com as escolas, parte de uma retomada aos fenômenos em sua essência, ou seja, a partir da perspectiva fenomenológica. Assim, a Fenomenologia tende a atribuir um olhar à ciência geográfica para além do mundo humano e físico, possibilitando a descrição do espaço e do mundo vivido por meio dos elementos percebidos pelos diversos sujeitos.

Dessa forma a pesquisa se fundamentou na abordagem da geografia Humanista na perspectiva fenomenológica apoiando-se nas categorias Paisagem e Lugar por meio da percepção dos sujeitos que vivenciam os fenômenos no espaço.

Com a finalidade de atingir os objetivos propostos para a pesquisa foram organizados os seguintes procedimentos metodológicos: O primeiro foi realizado o levantamento de referências que permitiram a consolidação e o fortalecimento do referencial teórico que embasou a pesquisa.

O levantamento do referencial teórico-metodológico é relevante e necessário pois consiste em um conjunto de procedimentos que objetivam a busca por soluções, atendendo-se ao objeto de estudo determinado e por essa razão não pode de forma aleatória (LIMA; MIOTO, 2007).

Cabe ao pesquisador, por meio do levantamento de referencial teórico, a consolidação de uma atitude e prática que visam a constante busca pela definição de um processo que seja concebido enquanto permanente e/ou

inacabado, ou seja, compreendendo que a pesquisa ocorrerá de forma contínua e que sua revisão é importante e constante.

O segundo procedimento metodológico deu-se a partir da pesquisa/trabalho de campo, em que “a coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador” (SEVERINO, 2007). A pesquisa em campo tem como principal finalidade garantir um maior envolvimento do pesquisador com o *lócus* da pesquisa.

No caso desta pesquisa permitiu uma maior participação e envolvimento nas escolas a fim de compreender a percepção que os professores possuem sobre o seu local de trabalho.

O Trabalho de campo ocorreu em duas etapas: a primeira ocorreu a partir de incursões nas escolas que teve como finalidade a apresentação da pesquisa para os professores participantes bem como a observação de alguns aspectos no entorno das escolas como a presença de policiamento, equipamentos de segurança e da infraestrutura.

A segunda etapa do trabalho de campo ocorreu por meio de entrevista semiestruturada com um roteiro de quatorze perguntas pré-selecionadas (ANEXO 1) com o devido cuidado para que estas não viessem a induzir os sujeitos a pensar em algo específico, mas sim que pudessem relatar suas experiências. As perguntas tiveram o objetivo de identificar os perfis dos professores que aceitaram participar da pesquisa.

A partir das perguntas os professores foram desenvolvendo e relatando suas experiências nos ambientes escolares, dessa forma foi permitido iniciar as análises e interpretações das percepções que os docentes possuem em relação ao seu Lugar de Trabalho e das Paisagens no entorno.

Para uma melhor compreensão da forma como os professores percebem as Paisagens, buscou-se a participação do maior número possível de docentes por escola e um grupo mais heterogêneo e abrangente sem critérios de exclusão. Desse

As respostas dos docentes foram registradas por meio do gravador de voz do celular para que não houvesse perda de informações e que os relatos pudessem ser registrados na íntegra. A conversa inicial com os professores foi feita junto aos diretores das escolas para apresentar a pesquisa, estabelecer

uma comunicação inicial para poder contactar os professores que se dispuseram a participar da pesquisa.

As entrevistas ocorreram de forma individual no laboratório de informática, sala do diretor, biblioteca e salas de aulas que estavam disponíveis. Assim foram entrevistados 18 profissionais da educação entre professores e pedagogos.

Foi importante entender a percepção dos professores a partir de critérios como o tempo que os professores trabalham na escola, se são efetivos e temporários bem como os professores que compartilham carga horária, além de incluir pessoas de diferentes gêneros e orientações sexuais com o fim de entender a diferença na forma como mulheres cis heterossexuais e pessoas LGBTQIAPN+ vivenciam os espaços comparados a homens cis heterossexuais.

Assim a relevância da pesquisa se deu na compreensão da forma como os docentes das escolas vivenciam os espaços, seja como Lugar do Trabalho, Lugar de Insegurança ou como Paisagem do Medo, assumindo assim a escola como uma Paisagem que representa diferentes facetas.

Foram selecionadas cinco escolas estaduais que integram as Coordenadorias Distritais de Educação 6 e 7 sendo estas coordenadorias responsáveis pedagógicas e administrativamente pelas escolas localizadas na Zona Norte de Manaus, esta configura-se como uma das zonas mais populosas e hoje observa-se a expansão territorial devido ao grande índice de ocupações irregulares, possuindo assim um maior fluxo e demanda de escolas, alunos e servidores.

A escolha dessas escolas se deu a partir de sua localização tendo em vista que todas elas estão em avenidas de grande movimento e circulação de pessoas, automóveis e transportes coletivos, além de serem escolas grandes que oferecem os três turnos (Matutino, Vespertino e Noturno), dessa forma possuem um grande número de alunos e professores.

Os nomes das escolas, bem como as informações pessoais dos participantes dessa pesquisa foram guardados em sigilo como parte do Termo de Responsabilidade (ANEXO 2) assinado pelo pesquisador no ato do pedido de autorização para a pesquisa em campo.

De acordo com o referido documento, os critérios a serem seguidos foram previamente estabelecidos. Dentre eles, a determinação de guardar e

preservar em sigilo, e que eventual divulgação será feita em estrita observância aos princípios éticos de pesquisas resguardando os termos do Art. 5º da Constituição Federal de 1988, especialmente no tocante ao direito à intimidade e à privacidade dos consultados.

Que as eventuais informações a serem divulgadas serão única e exclusivamente para fins de pesquisa, sendo vedado uso das informações em publicações. A guarda do sigilo das informações pessoais especificadas são: nome, idade, sexo dos participantes e os nomes das instituições que porventura possam compor dados tanto quantitativos quanto qualitativos da pesquisa proposta.

Como forma de “humanizar” os sujeitos participantes desta pesquisa, optou-se pela utilização de nomes com maior número de registros nos Cartórios de Registros Cíveis da cidade de Manaus no ano de 2024, de acordo com o Portal da Transparência. Deste modo, não foram utilizadas nomenclaturas genéricas para identificá-los como forma de garantir o sigilo de proteção de dados, porém, foram mantidas todas as falas e demais informações dos sujeitos.

Para uma melhor compreensão desta pesquisa, foram organizados três capítulos, além dos elementos textuais necessários, como Introdução, Considerações Finais e Referencial Teórico.

No primeiro capítulo, intitulado "Paisagem e Lugar: A Construção dos Conceitos", buscou-se abordar de forma breve a formação da Geografia enquanto ciência, que, em suas obras iniciais, dedicou-se à descrição dos elementos, avançando até os dias atuais com a percepção dos sujeitos por meio da Geografia Humanista, e à construção e consolidação das categorias geográficas Paisagem e Lugar, a partir do viés fenomenológico que fundamenta a compreensão das vivências dos sujeitos.

No segundo capítulo, intitulado “A Escola Como um Espaço Vivido” esta pesquisa voltou-se para a escola enquanto sua organização na cidade além de discuti-la enquanto espaço vivido para os sujeitos que a utilizam no dia a dia.

Em seu terceiro capítulo denominado “A Escola Enquanto Paisagem do Medo: O Olhar dos Professores” parte-se em busca da compreensão da percepção enquanto uma importante forma de compreender a vivência dos professores nas escolas a partir das vivências no espaço escolar com suas peculiaridades e as múltiplas dinâmicas presentes no cotidiano.

Por fim, esta pesquisa apresenta suas considerações finais e as referências bibliográficas que foram utilizadas, buscando assim uma contribuição para as pesquisas geográficas e que ela possa colaborar com as discussões, tendo os sujeitos e suas percepções como foco principal e de grande relevância para entender suas particularidades e suas necessidades.

CAPÍTULO 1

PAISAGEM E LUGAR: A CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS

1.1. A Geografia: da descrição a percepção dos sujeitos

A Geografia pode ser considerada uma das ciências mais antigas, seus vestígios são observados desde a Antiguidade por meio de relatos de viagens, representações e até de descrições que estão presentes desde as primeiras sociedades.

Por conta do seu abrangente campo de observação, por vezes, surgiram dúvidas acerca do objeto de estudo da Ciência Geográfica. Dessa forma acreditou-se que para a Geografia existia apenas a observação, sem o entendimento de que os elementos informativos e suscetíveis de classificação constituíam um arcabouço para a ciência, além do que as relações que existem entre os elementos são a base de diversas pesquisas geográficas.

Sodré (1993), afirma que na Antiguidade, a Ciência Geográfica, resumia-se a uma ampla compilação de conhecimentos de outras ciências.

Não havia Geografia. E geógrafos, conseqüentemente. Havia filósofos, historiadores, cientistas, que se referiam, secundariamente, a aspectos geográficos. A Geografia aparecia, antes de definir o seu campo, os seus métodos, as suas técnicas, como tributária, e desimportante, de outras áreas do conhecimento, científicas ou não [...] Seu desenvolvimento, visando sua futura autonomia, estaria ainda, e por muito tempo, na dependência das áreas, científicas ou não, de que o homem se servia para sobreviver e progredir (Sodré, 1993, p.19).

De acordo com Tanaka (2010), ocorreram mudanças significativas no pensamento geográfico desde a Antiguidade, resgatando antigos conceitos e superando seus próprios saberes, renovando-os de forma extensa, além de relacioná-los com saberes de outras ciências.

Assim, a Ciência Geográfica foi construída ao longo do tempo, com sua evolução evidenciou-se as contradições nas relações sociais, no uso do meio ambiente e sua compreensão de mundo. Deixando a sua limitação acerca do homem ser visto somente como um elemento na natureza e o estudo e descrição de aspectos físicos.

Tanaka (2010) afirma que existe uma relação complexa entre o tempo, o espaço e o homem e, a Geografia se molda e reflete a evolução da própria história da humanidade, regendo não somente o pensamento, mas também as relações humanas, suas técnicas, suas construções no espaço e os próprios desafios, possibilidades e limites impostos pelo avanço da ciência.

Para Moraes (2007), a Geografia possuía “sustentação” suficiente para sua consolidação, enquanto ciência, no período anterior ao século XIX, principalmente no âmbito ideológico, que correspondeu à transição do Feudalismo para o Capitalismo, pois de acordo com o autor, esses movimentos levariam a uma valorização dos temas geográficos para uma reflexão a ponto de legitimar-se uma disciplina que visaria o estudo e explicação específica destes temas.

Souza (2011), afirma que as orientações teóricas e metodológicas que, com maior ou menor ênfase, têm influenciado epistemológica e didaticamente a Geografia são o Positivismo, o Materialismo Histórico e Dialético e a Fenomenologia e com isso “criando” as concepções de Geografia conhecidas e difundidas.

O positivismo teve grande influência não só na construção da Geografia Tradicional, como também no modelo de ensino e aprendizagem, não só da Geografia, como também de outras áreas do conhecimento. Levando em consideração que, nesse modelo, a base de sustentação é a ideia de que o conhecimento científico e acadêmico é o verdadeiro conhecimento.

De acordo com Souza (2011) a Geografia Tradicional, é marcada pela observação dos fenômenos, pela neutralidade, pela experimentação e pela formulação de leis gerais aplicadas tanto para os fatores naturais quanto para os fatores sociais.

Para essa concepção de Geografia numa primeira fase a natureza se constitui enquanto seu objeto central, e a dicotomia homem-meio, numa segunda fase.

Ainda sobre a Geografia Tradicional, Moraes (2007) afirma que a importância da geografia se baseava em uma simples concepção usual na descrição da Terra, enquanto a Nova Geografia constitui-se com métodos estatísticos e matemáticos que se resumem a classificação e enumeração, limitando assim os conceitos da Ciência Geográfica.

Christofolletti (1982) afirma que a Geografia com base no Positivismo acaba por destacar duas dicotomias, onde a primeira está relacionada à Geografia Física e a Geografia Humana, sendo a Geografia Física voltada ao estudo do quadro natural, já a Geografia Humana relaciona-se com os estudos da distribuição dos aspectos originados pelas atividades humanas.

Contudo, ao passar o tempo, a Geografia Tradicional começa a mostrar-se incipiente para a realização dos estudos geográficos, principalmente após a Segunda Guerra Mundial.

Nesse contexto, a realidade que até então era tida como objetiva e natural, passa a se dar de forma mais complexa dando início ao movimento de superação dos procedimentos metodológicos produzidos pelo pensamento geográfico tradicional e o movimento de superação das dicotomias.

Desse modo a chamada Nova Geografia assume um papel ideológico na justificativa da expansão capitalista, na luta pelos direitos civis e trabalhistas e nas desigualdades sociais. Todas essas problemáticas surgem a partir do agravamento das tensões sociais que culminam em uma nova perspectiva de desenvolvimento.

Assim crescem as críticas e concepções voltadas aos sistemas de produção, aos interesses do estado e das empresas capitalistas fazendo do homem uma média, o laboratório substitui o campo.

Conforme Christofolletti (1982), a denominação de “Nova Geografia” foi inicialmente proposta por Manley e com o conjunto de procedimentos e de novas perspectivas de abordagem abrangendo, também, o aspecto filosófico e metodológico foi denominado por Ian Burton de “Revolução quantitativa e teórica da Geografia”.

A Nova Geografia ou Geografia Teórico-Quantitativa, Christofolletti (1982), foi desenvolvida com base na filosofia do positivismo lógico e apresentou como objetivo a busca e o incentivo por um maior posicionamento da Geografia no contexto global das ciências. Além, da busca por uma superação das vaguidades existentes na Geografia Tradicional.

Como o positivismo, também, serviu de base filosófica para a construção da Nova Geografia, não se pode identificar mudanças tão expressivas no que diz respeito às mudanças no caráter analítico, visto que ambas as Geografias permanecem com a concepção de que o conhecimento científico é aquele baseado em fatos e, que para a construção do conhecimento é necessário que haja a verificação de todas as hipóteses através do emprego de diversos testes e que estes forneçam a base para a formulação de teorias, da mesma forma como são realizados nas ciências experimentais.

De certa forma a Nova Geografia não representou um avanço expressivo para a Ciência Geográfica, todavia trouxe a perspectiva sistêmica para ser aplicada aos estudos da Geografia. Segundo Christofletti (1982) a teoria dos sistemas serviu para “delinear com maior exatidão o setor de estudos desta ciência, além de propiciar a oportunidade para considerações críticas de muitos conceitos”.

Assim como a Geografia Tradicional, a Nova Geografia ou Geografia Teorético-Quantitativa também apresentou brechas metodológicas e conceituais fazendo com que tivesse início novos movimentos que visavam a superação desta ciência, daí surgem as Geografias Alternativas ou, também, as Geografias Críticas.

Segundo Moraes (2007) a Geografia Crítica seria uma postura radical frente a concepção de Geografia existente, ou seja, a Geografia Tradicional de base Positivista, assim como perante a realidade social. Ainda segundo o autor os pensadores da Geografia deveriam posicionar-se para uma transformação da realidade social lançando mão da Geografia enquanto uma “arma” para esse processo.

Logo o objetivo dos autores da Geografia Crítica seria o de inserir uma ampliação de análise geográfica, criticando a postura empirista e positivista da Geografia Tradicional e da realidade a qual esta concepção de Ciência Geográfica está inserida.

Com o passar dos anos surgem novas formas de pensar as relações socioespaciais, com isso a Geografia, a partir da década de 1970 busca novas perspectivas para seus estudos.

O pensamento geográfico deveria acompanhar o ritmo de tais mudanças, então nesta mesma época a Geografia Cultural mostra-se como um novo interesse, as questões culturais, tendo como essência entender como as experiências dos homens dão significado e sentido em seu meio.

Desse modo a Geografia Cultural deixa de ser uma ramificação da Geografia Humana e busca compreender as experiências dos sujeitos, correlacionando as representações subjetivas e as reações no campo da pesquisa geográfica.

Nesta primeira sessão busca-se realizar um breve histórico do processo de consolidação de importantes conceitos da Geografia: Paisagem e Lugar,

contudo essas conceituações serão alcançadas a partir das correntes de pensamento da Geografia Humanista Cultural e na Perspectiva Fenomenológica.

1.2. A Fenomenologia e as Bases da Geografia Humanista

A revolução científica que reconstruiu a Ciência Geográfica a direcionou para um conhecimento que tem como foco o futuro com uma linguagem mais humanista. Dessa forma a Geografia passa a entender a forma com a qual o homem percebe o meio em que vive e o modo como reage ao ambiente imposto pelos elementos naturais bem como o seu processo de consciência reflete na atuação sobre o espaço.

De acordo com Moreira (2023) a nova concepção de entender o mundo na Geografia se dá por meio da Fenomenologia, nela surge um interesse nos geógrafos de compreender os lugares a partir das experiências diretas e pelo sentido de morar.

A partir da Fenomenologia surgem novos pensamentos dentro da Geografia e abre uma discussão acerca do que Dardel (2011) chama de “geograficidade” do ser no mundo. Nesse sentido o espaço passa a ser estudado conforme a percepção de mundo se fundamenta nas ideias do espaço vivido.

Moreira (2023) ressalta que a influência que a Fenomenologia exerce na Ciência Geográfica é complexa, porém, possibilita a Geografia explorar as experiências humanas no mundo, contribuindo de forma significativa para identificar e compreender os fenômenos inseridos no mundo vivido a partir de diversas concepções.

Isso diferencia a Fenomenologia das correntes antecedentes que se baseavam na busca por um conhecimento universal para fundamentar os fenômenos pré-existentes entre a relação do sujeito com o meio.

Levando em conta essa perspectiva, a pesquisa toma como base a corrente Humanista da Geografia, uma vez que a Geografia procura entender as relações socioespaciais utilizando diversos e diferentes modos de análises.

Holzer (1992), afirma que a Geografia Humanista foi um movimento de renovação, que teve por objetivo superar a proposta epistemológica que por muito tempo se consolidava e permanecia em voga.

Desse modo, pode-se identificar diversos momentos históricos que contextualizam o processo de consolidação da Geografia em seu viés humanista e cultural.

Para Holzer (2008b), o “Humanismo” que fora prescrito por Tuan, no ano de 1976, buscou realizar uma análise das ações, produções e reproduções dos indivíduos, tendo como referência um “olhar” mais amplo da perspectiva científica cartesiana, de modo que passasse a incorporar os estudos das humanidades nas pesquisas geográficas.

Ainda segundo Holzer (2008b) John Kirtland Wright buscou realizar mudanças no “pensar” e no “fazer Geografia”. As pesquisas de Wright eram voltadas, principalmente, para uma Geografia Histórica, e ainda assim propôs a incorporação da subjetividade nas pesquisas geográficas, conduzindo assim estudos cujo objeto e resultados superassem as análises sistemáticas, originando uma “geosofia histórica”.

No início da década de 1960, David Lowenthal revisita as obras de Wright com o objetivo de propor uma renovação da Geografia Cultural. Sob os pressupostos de Lowenthal, a ciência geográfica, segundo Serpa (2019), deveria buscar caminhos que permitam a abrangência dos vários modos de observação, sejam “[...] o consciente ou o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático” (Holzer, 2008b, p. 14).

A proposta apresentada por Lowenthal, segundo Holzer (2008b), estava relacionada à busca por uma superação de um eixo de pensamento, que, à época dominava a produção científica geográfica a qual buscava “adequar” as metodologias de pesquisa à modelos matemáticos que permitissem a criação de uma “Teoria do Conhecimento Geográfico”.

A Geografia Humanista, na década de 1970, surge enquanto corrente de pensamento como forma de crítica ao pensamento geográfico dominante à época, onde este era voltado à racionalidade de base positivista, passando assim a voltar-se para as filosofias do significado, tendo a Fenomenologia e o Existencialismo como principais formas de abordagem.

Essa abordagem busca compreender os fenômenos geográficos a partir da percepção humana, ou seja, a produção do conhecimento ocorre a partir da experiência concreta dos sujeitos que os experienciam. Assim, de acordo com Rocha (2007):

Buscando uma maior compreensão dos ideais dessa linha de pensamento, a Geografia Humanista é definida por bases teóricas nas quais são ressaltadas e valorizadas as experiências, os sentimentos, a intuição, a intersubjetividade e a compreensão das pessoas sobre o meio ambiente que habitam, buscando compreender e valorizar esses aspectos (p.21).

Neste ponto de vista, a Geografia passa a conceber como premissa o fato de que a percepção de cada sujeito sobre o mundo-vivido é resultado de uma expressão direta de valores e atitudes sobre o meio ambiente, ou seja, na perspectiva da Geografia Humanista é importante compreendermos o contexto pelo qual os sujeitos organizam-se no espaço, assim como as formas como eles se relacionam com este mundo-vivido e as diferentes paisagens constituídas.

Gomes (1996) ressalta que:

A definição da geografia humanista herda todos os problemas advindo da própria noção de humanismo, que nem sempre é utilizada com os mesmos limites, nem com o mesmo conteúdo. A primeira conotação, a mais forte, faz referência ao movimento que, em ruptura com a tradição da Idade Média, redefiniu a imagem do mundo e da sociedade. A delimitação espaço-temporal do humanismo não é de forma alguma consensual, pois ele exprime uma tendência geral fundada sobre uma mudança de atitude e de concepção que pode ser interpretada de diferentes maneiras (p.307).

Edward Relph, segundo Serpa (2019), foi o primeiro geógrafo a buscar na Fenomenologia de Husserl, os suportes filosóficos necessários para uma abordagem da Geografia que a “aproxime” do Humanismo, pois o autor defendia a ideia de que os conhecimentos científicos diminuiriam e inviabilizavam os significados originais do mundo-vivido.

Ainda de acordo com Serpa (2019), deve-se compreender que os fatos e significados do mundo-vivido não estão disponíveis ou se apresentam de forma óbvia, sendo assim, eles precisam ser descobertos para, posteriormente, ser analisados e assim relacionados com os demais elementos da Paisagem ou das paisagens.

A Geografia Humanista se consolida de fato, segundo Holzer (1999), ao propor o estabelecimento de uma estrutura ancorada em conceitos filosóficos que tem como base a Fenomenologia, concebendo assim a qualidade da conscientização humana por meio de suas atividades e dos fenômenos geográficos.

Husserl, ao iniciar seus estudos sobre o mundo-vivido, destacou pontos importantes que devem ser considerados, principalmente, o fato que a ciência ao longo dos anos se tornou um campo e uma forma de análise que tem se afastado das percepções originais dos sujeitos sobre o mundo, passando a analisar a realidade e/ou os fatos do mundo-vivido a partir de seus próprios olhares.

As lentes da ciência não concebem as experiências que são vividas pelos sujeitos, em sua essência. No entanto, tentam erroneamente reconstituir o mundo-vivido a partir de suas cenas idealizadas (Serpa, 2019).

Ao analisar as reflexões de Husserl, Edward Relph (1979 apud Serpa, 2019), nos ressalta que se pode destacar e diferenciar duas concepções que compõem o mundo-vivido. A primeira está relacionada ao que foi denominado “mundo predeterminado ou natural”, onde este mundo apresenta formas, objetos e pessoas dispostas de uma maneira na qual podemos vê-las e senti-las, mas não há nada mais que isso.

O mundo natural é composto por elementos dispostos, mas não relacionados, ou seja, não há significação e afetividade, não há vivência e conseqüentemente experimentação deste mundo.

A segunda concepção foi denominada “o mundo-vivido, social e/ou natural”. Nesta forma de conceber o cotidiano, faz-se um contraponto ao mundo natural, pois busca-se compreendê-lo a partir das relações, ações, interesses, frustrações e trabalho dos seres humanos na e com a Paisagem e com o Espaço.

Nesta concepção, observa-se a busca pelo entendimento das relações entre as pessoas e o meio, entre a Paisagem e as Paisagens circundantes. A forma como a Paisagem determina e, é determinada.

Desse modo, entende-se que a Geografia Humanista demanda uma mudança no objeto de estudo da ciência geográfica, pois de acordo com os pressupostos de Lowenthal, a Geografia deveria buscar caminhos que permitam a abrangência dos vários modos de observação, sejam “[...] o consciente ou inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático” (Holzer, 1996 apud Serpa, 2019).

Pensar o mundo-vivido, teve também como inspiração à obra de Dardel, onde Relph identifica que para o autor, pensar o espaço sob a ótica da fenomenologia, seria uma conjunção resultante de direções e distâncias

percebidas em um nível mais complexo de integração e que resultam em categorias do mundo-vivido, sendo estas Paisagem e Lugar.

1.3. Paisagem: um breve olhar sobre as contribuições desta categoria geográfica.

As noções de Paisagem nos remetem, inicialmente, não à ciência, mas sim às produções artísticas como as pinturas (Souza, 2021). Paisagem, enquanto categoria da Geografia, passou por diversas interpretações ao longo dos anos, algumas ligadas às correntes filosóficas de base marxista e outras ao positivismo, da mesma forma como algumas propostas passaram a ligar-se fortemente à fenomenologia, ao passo que são essas diferentes correntes filosóficas que formam as bases que fundamentam proposições variadas sobre as paisagens humanizadas que foram estabelecidas pela Geografia.

Paisagem, segundo Sauer (2012), é concebida como uma forma de caracterizar a associação peculiarmente geográfica de fatos, podendo ser definida como uma área composta por formas distintas, sejam físicas e culturais.

Santos (2012), afirma que as Paisagens não podem ser identificadas como fixas e/ou imóveis, tendo em vista que todas as relações entre economia, sociedade e políticas, têm suas relações alteradas socialmente trazendo grandes transformações com o passar do tempo exigindo assim com que as Paisagens precisem se adaptar às novas demandas da sociedade.

Ainda segundo o autor, as Paisagens podem representar diferentes momentos relacionados ao desenvolvimento das sociedades que é efeito da acumulação de tempos. Contudo, as porções da paisagem apresentam-se como forma diferente de acumulação o que torna evidente as diferenças nos modos de produção e reprodução dos espaços e das paisagens.

Para Cosgrove (2004) a Paisagem

[...] é um conceito unicamente valioso para uma geografia efetivamente humana. Ao contrário do conceito de lugar, lembra-nos sobre a nossa posição no esquema da natureza. Ao contrário de meio ambiente ou espaço, lembra-nos que apenas por meio da consciência e da razão humanas esse esquema é conhecido por nós, e somente através da técnica podemos participar dela como seres humanos. Ao mesmo tempo, paisagem lembra-nos que a geografia está em toda parte, que

é uma fonte de constante beleza e feiura, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é ganho e perda. (p. 224, grifos do autor).

Sauer (2012), ressalta que a Paisagem é resultante de uma construção identitária decorrente de limites e relações genéricas com outras paisagens, apresentando-se com elementos integrantes e dependentes. Nesse sentido, a Paisagem passa a ser composta pela integração de diversas cenas individuais e ao mesmo tempo em conjunto, superando a forma de análise que a concebe enquanto a observação de uma única forma individual. Paisagem não é singular.

A proposta de análise apresentada por Sauer (2012), nos remetem às reflexões de que as Paisagens são ao mesmo tempo formas de observação individual de um recorte do espaço geográfico e, também, a observação de um conjunto integrado de cenas.

À vista disso, não se pode conceber e analisar a Paisagem como uma simples observação feita por um sujeito, visto que a percepção dada a um recorte do espaço geográfico pode apresentar características diferenciadas e diversos modos de apreensão por sujeitos distintos em um mesmo contexto.

Ao analisar a proposta de Sauer, Duarte (2019) afirma que se deve destacar a observação como o elemento principal de análise, sendo esta observação a forma de composição das qualidades físicas da área (Paisagem Natural) e das qualidades e fatos da cultura humana, ou seja, uma Paisagem com elementos humanizados.

Neste sentido, o autor concebe a Paisagem enquanto uma construção cultural, formada por dois principais e importantes aspectos que devem ser ressaltados: o meio e o agente transformador desse meio.

No processo de formação da paisagem, temos primeiro o meio, composto de elementos naturais, exemplos a superfície, o solo, os minerais, a vegetação e o mar, de onde se extraem os materiais, com os quais o homem através das técnicas cria utensílios e artefatos, elementos estes que refletem diretamente na densidade e na mobilidade da população, na estruturação de habitações e na produção da comunicação, formas existentes a partir da cultura, estabelecendo de fato a paisagem cultural. (Duarte, 2019, p. 24).

Importante compreendermos que a Paisagem, enquanto categoria da Geografia e partindo dos pressupostos fenomenológicos, torna-se um entremeado de relações, pois segundo Santos (2008):

A dimensão da Paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva – pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato [...] A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa vê de forma diferenciada; desse modo, a visão – pelo homem – das coisas materiais é sempre deformada. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto para chegar ao seu significado. (p. 68).

De acordo com Souza (2021), o fato de a Paisagem apresentar diferentes formas de percepção, nos permite e torna saudável “desconfiar” dela, pois ao compreendermos enquanto uma forma devemos, também, interpretá-la ou decodificá-la a partir de relações entre a forma e o conteúdo, aparência e a essência.

Outras formas de compreensão da paisagem propostas por Sauer podem ser evidenciadas, haja vista que as ações do homem podem ser percebidas através de uma sucessão de paisagens, quando estas passam a ser vivenciadas de forma conjunta à elementos que traduzem produções do espaço diferentes das que podem ser observadas na atualidade, característica essa que também foi abordada por Milton Santos, o qual denominou como “rugosidades”.

As rugosidades podem ser compreendidas para além da presença física dos elementos construídos e pertencentes à Paisagem Cultural. Deve-se considerar as mudanças nas formas de “usos”, “produções” e “reproduções do espaço”, principalmente em áreas urbanas, como rugosidades não-táteis, ou seja, não visíveis e, que passam a alterar o cotidiano dos sujeitos que vivenciam estes espaços.

O entendimento da Paisagem enquanto conjunto de elementos integrados e integrantes, apresentando forma, estrutura e função, ou seja, constituindo-se enquanto um sistema que se desenvolve e passa por transformações não deve ser desconsiderada, pois quando ignoramos ou desprezamos as relações existentes entre os elementos da paisagem, passamos a não compreendê-la ou analisá-la por um “olhar geográfico”.

Um ponto importante que deve ser ressaltado é que a análise da Paisagem não pode se concentrar na percepção de um único observador, em vista que devido às suas diferentes formas de percepção seja enquanto fruto de

uma individualidade e, ao mesmo tempo, oriunda da relação com outras paisagens e das relações entre os elementos que as compõem, tornam-na uma categoria complexa.

Portanto, deve-se considerar a complexidade da Paisagem e, com isso a diversidade de percepções que os sujeitos possuem de um mesmo recorte do espaço geográfico, pois da mesma forma como podemos identificar elementos diversos em um conjunto de paisagens há, também, um conjunto cultural que se sobrepõem e se sucede.

Sauer (2012), ao abordar a Paisagem em relação aos aspectos observáveis e descritos, nos afirma que de um modo geral, os julgamentos dos conteúdos da Paisagem são frutos do interesse pessoal do geógrafo. Fato este, determinado pela Geografia ser uma ciência antropocêntrica e desse modo, buscar evidenciar o âmbito da Paisagem na qual o homem habita, ou seja, torna-se integrante, buscando assim selecionar aquelas qualidades que são ou podem ser úteis ao homem enquanto sociedade.

Para Sauer (2012), a Paisagem é determinada por apresentar como forma de análise duas classificações. A primeira, diz respeito ao conteúdo da Paisagem compreendida como sítio, onde a área física é oriunda de um somatório de todos os recursos naturais que o homem tem a sua disposição, não o permitindo acrescentar qualquer coisa a esses recursos, sendo possível apenas “desenvolvê-los”, ignorá-los em parte ou explorá-los.

A segunda metade da Paisagem, corresponde à sua expressão cultural, que marca a ação do homem sobre a área, ou seja, grupos de pessoas associadas, dentro de uma área, por descendência ou tradição, assim como podemos pensar nas pessoas como associadas dentro de uma área e com ela, ou seja, como pertencentes ou fazendo parte desta área.

Nesse sentido, a Cultura passa a ser compreendida como expressão geográfica, composta por formas que são uma parte da Fenomenologia Geográfica.

Para Holzer (2008a), a aplicação da análise da Paisagem partindo da proposta de Merleau-Ponty e o uso da fenomenologia, exige que se conheça uma enorme variação real do recorte pesquisado, utilizando-se *a priori* de trabalhos científicos, literários e/ou artísticos, que sejam produzidos por

inúmeros autores para que assim sejam analisados a partir da redução fenomenológica.

O método fenomenológico propicia a utilização desse recurso, como demonstrara magistralmente Bachelard e Dardel. No entanto, para nos aproximarmos da *Lebenswelt*, acredito que precisamos, na geografia cultural-humanista, dar um salto epistemológico, proposto aqui em termos bachelardianos; realizar a redução fenomenológica a partir de estudos de casos, ou seja, a partir de variações reais que retroalimentem as reduções e nos auxiliem na determinação das essências. (Holzer, 2008a, p. 156).

Partindo das reflexões propostas por Berque (2012), Holzer nos evidencia que a apropriação do método fenomenológico nos permite compreender e analisar o mundo e assim construí-lo a partir do Lugar, de modo a gerar essências que enunciam espaços mais amplos como os de Território e de Espaço.

O método fenomenológico permite a Berque contrapor-se à Geografia enquanto ciência positiva [...] e sua utilização na elaboração de novos conceitos, expressos por muitos neologismos que reelaboram os conceitos espaciais antigos segundo uma ontologia fenomenológica. (Holzer, 2008a, p. 156).

Ainda de acordo com Holzer (2008a), Berque, ao refletir acerca dos postulados de Tetsuro (1935), compreende que a relação entre o meio humano e o ambiente físico existe a partir de um elo, o qual foi denominado *mediance*, traduzido como mediância, e que denota a intersubjetividade entre a essência dos dois meios. Essa mediância, identificada por Berque (2012), é o que mais se aproxima do termo Geograficidade (*Geographicité*), que fora proposto por Dardel em 1952.

Sobre as diferentes concepções da Paisagem ao longo do tempo e através da cultura, Sauer (2012) afirma que a Paisagem Cultural é fruto do meio natural com a cultura e; sob a influência de determinada cultura, levando em consideração o aspecto mutável desta, a Paisagem apresentaria estágios de desenvolvimento e, provavelmente, atingindo no final o término de seu ciclo de desenvolvimento.

Diversas mudanças podem acarretar alterações das Paisagens Culturais, a exemplo, consideremos a introdução de um novo grupo de agentes sociais - ou seja, uma cultura diferente -, com este novo grupo estabelece-se um "rejuvenescimento" da paisagem cultural ou uma nova paisagem passa a existir e, conseqüentemente, sobrepõem-se aos elementos restantes da paisagem antiga (Sauer, 2012).

Berque (2012), corrobora ao afirmar que a Paisagem determina e é, ao mesmo tempo, determinada pelas relações dos sujeitos, enquanto um todo coletivo, o espaço, o ambiente e a cultura. Todavia, segundo o autor, a análise pela Geografia de base fenomenológica não busca limitar-se, apenas, na definição da relação existente, pois:

[...] o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não somente a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando um sentido a sua relação com o mundo (sentido que, naturalmente, nunca é exatamente o mesmo para cada indivíduo) (Berque, 2012, p. 241)

Dessa forma para essa pesquisa, a Paisagem é compreendida como forma de análise que busca superar a simples observação de uma cena individual ou como somatório de elementos individualizados, passando assim a ser composta por uma integração e inter-relação entre os elementos que as compõem, da mesma forma que por sua complexidade, há sucessões de Paisagens e inter-relações entre diferentes Paisagens, bem como as concepções de Tuan acerca das Paisagens como Paisagens do Medo, que serão abordadas no próximo capítulo.

Da mesma forma como pode-se observar a complexidade na análise das Paisagens, podemos ampliá-la para o entendimento de Lugar, pois nos permite aumentar o leque de significados e simbologias, ocasionando o encontro de muitas culturas e, conseqüentemente de conflitos.

Desse modo, ao ampliarmos a forma como entendemos as Paisagens para além da análise de cenas individuais e, ao observamos na perspectiva da categoria Lugar passamos então que as Paisagens podem ser transformadas e/ou modificadas a partir do estabelecimento das relações entre os sujeitos que as vivenciam.

1.4. Lugar: a construção do conceito na geografia humanista

O estudo acerca do Lugar, como categoria de análise da Geografia, não se mostrava com relevância. Relph (2014) destaca que por volta da década de 1970, haviam poucas publicações relacionadas a este tema, mesmo sendo a Geografia na época definida como a ciência dos estudos dos lugares.

Holzer (2014) ressalta que o conceito de Lugar por muito tempo fora marginalizado pela ciência geográfica, a qual o associava ao conceito de locação ou localização de um determinado recorte do espaço geográfico, o que acarretava uma desvalorização enquanto categoria e o impulsionava para a marginalidade e esquecimento.

Nas décadas de 1970 e 1980, o debate em defesa do Lugar teve seus primeiros passos na perspectiva da Geografia Humanista, visto que o Lugar é um fenômeno oriundo da experiência tornando-se primordial que este passasse a ser estudado, analisado e explicado a partir de uma abordagem fenomenológica, que fora desenvolvida por Husserl e Heidegger e, que embasou também os trabalhos de inúmeros pesquisadores, como Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, entre outros (Relph, 2014).

A década de 1990, representou o momento de mudança no cenário acadêmico e, conseqüentemente, no processo de produção acadêmica, de modo que

Lugar tem sido interpretado a partir das perspectivas comportamental, humanista e fenomenológicas; estudado como um problema da neurociência, na teoria locacional e em SIG; os trabalhos de filósofos, artistas e poetas foram reinterpretados para identificar suas compreensões sobre lugar; lugar tem sido criticado por feministas, marxistas e por teóricos críticos; tem sido promovido por economistas neoliberais e empresas como um meio de comercializar seus produtos de forma mais eficaz; tornou-se inspiração para projetos de arquitetos e urbanistas; e numerosas organizações não governamentais e agências governamentais têm surgido para promover a construção do lugar (placemaking). (Relph, 2014, p. 18)

Ainda segundo Relph (2014), outro ponto que evidencia o aumento no número de pesquisas relacionadas ao estudo do Lugar, estão ligadas ao surgimento de muitos trabalhos em arquitetura moderna, que tinham como proposta a construção de Paisagens em conexão com a história dos locais, ou seja, surgiam nesse momento as “Paisagens sem-lugar”, ocasionando assim uma perda considerável da identidade geográfica.

Inúmeros sentidos podem ser dados ao Lugar enquanto categoria geográfica, podendo ser atribuído sentidos diversos como povoação, localidade, região, assim também como posição, categoria, situação, origem e, em muitos casos da ideia de Lugar pode ser compreendido no sentido de *espaço ocupado* (Oliveira, 2014). Oliveira (2014) ainda ressalta que devemos compreender que o conceito de Lugar não pode ser concebido como algo imóvel e nem de sentido único.

É de grande importância que saibamos diferenciar e, conseqüentemente, compreender as particularidades e limitações do fenômeno Lugar.

A distinção entre *lugar* e *lugares* é fundamental. Geografia como estudo dos lugares se refere à descrição e comparação de diferentes partes específicas do mundo; geografia como estudo do lugar baseia-se (e ao mesmo tempo transcende), naquelas observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo. (Relph, 2014, p. 22, grifos do autor).

O Lugar, enquanto categoria, relaciona-se com entendimentos de afetividade com determinado recorte do Espaço Geográfico, tendo em vista que muitos elementos são importantes para o entendimento de identidade e “novos valores” ao Lugar.

Dessa forma pode-se compreender que o Espaço Geográfico é passível de mudanças quanto a sua significação em atribuição de sentidos que não somente os visuais, principalmente quando existe uma afetividade, esse espaço então toma forma com outros significados e sentidos.

De acordo com Tuan (2013) existe uma dúvida acerca da forma com a qual o ser humano consegue perceber e atribuir organização e significado ao Lugar. Para o autor essa resposta está na Cultura, pois ela é um dos elementos essenciais para que o ser humano tenha um pressentimento de pertencimento ou até de estranheza em um determinado espaço, tendo em vista que a Cultura, para Tuan, é desenvolvida exclusivamente pelos seres humanos e ela possui grande influência nos valores e no comportamento humano.

No entanto, Tuan (2013) afirma que a cultura não engloba integralmente as perspectivas e as demandas dos indivíduos, embora compreenda pontos em comum entre eles. Assim Tuan especifica pontos que estimulam as sensações de afeto e pertencimento ao Espaço e Lugar no qual evidencia-se:

2) As relações de espaço e lugar. Na experiência, o significado de espaço frequentemente se confunde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor [...] As ideias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra [...] Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa [...] 3) A amplitude da experiência ou conhecimento. A experiência pode ser direta e íntima, ou pode ser indireta e conceitual, mediada por símbolos [...] Um antigo habitante da cidade de Minneapolis conhece a cidade, um chofer de táxi aprende a andar por ela, um geógrafo estuda Minneapolis e a conhece conceitualmente. Essas são três formas de experienciar. Uma pessoa pode conhecer um lugar, tanto de modo íntimo como conceitual. (TUAN, 2013, p. 14-15).

Tuan (2013) ressalta ainda que o Lugar mostra em seu âmago a “Experiência” com o Espaço, fazendo com que a experiência seja dada em diferentes contextos e que as percepções sobre o mesmo espaço sejam diferentes.

Ao sentimento de pertencimento através da experiência cotidiana, Relph (2014), denominou de “raízes e enraizamento”, o qual deve ser entendido sob a perspectiva de que o Lugar é onde fixamos “nossas raízes”, o que direciona para o sentido de imobilidade tanto quanto para o de pertencimento. No entanto, o autor ressalta que os sujeitos podem apresentar “raízes” em muitos ambientes distintos, nos forçando a considerar uma reformulação para a ideia de lugar fixo ou imóvel.

Desse modo, torna-se de extrema importância conhecer “a diferença de lugares”, o que para Oliveira (2014) nos permite diferenciar os objetos físicos entre eles e, também, uma diferenciação entre pessoas, denominado pela autora como “fatores de representação”.

Estes fatores de representação nos permitem visualizar o representado e o que representa, em outras palavras, significados e significantes. Esse “olhar” demonstra o quão complexo se torna o entendimento do conceito de Lugar para a Geografia.

Ao refletir acerca dos postulados de Tuan (2013), Oliveira (2014) nos conduz ao pensamento que afirma que o Lugar, ao ser compreendido enquanto concreto, é sempre atingido por todos os nossos sentidos e pela experiência, tanto real quanto simbólica, ou seja, a nossa percepção sobre os Lugares não são oriundas de um pensamento do “eu-sujeito” mas sim, em inúmeras vezes,

fruto do que carregamos através da cultura, “eu-coletivo”, que nos vem sendo repassado e que assimilamos como se fossem experiências por nós vividas.

De um modo geral, a Geografia Humanista, sempre apresentou dimensões significativas que na realidade são consequências de atribuições que lhes foram/são feitas (o meu, o seu ou o nosso lugar), e esse processo de agir no Lugar, ou seja, de experimentar a si mesmo, relacionar-se com o outro e a efetivação da existência com o Lugar é, segundo Chaveiro (2014), uma marca do alicerce da fenomenologia nas análises do Lugar.

A Geografia Humanista e Cultural permite que a análise do Lugar seja norteada pela ação da percepção, contendo a presença da consciência em si e definindo a subjetividade enquanto experiência no Lugar.

Desse modo, Chaveiro (2014, p. 264) destaca que “[...] sentir é aprender o lugar ou dotá-lo de sentido mais fundo que apenas o julgamento teórico-apriorístico”. No entanto, da mesma forma como ocorre a “criação” ou a consolidação de afetividade com determinado Lugar, há a ocorrência do inverso.

Em suma, a Geografia Humanista nos possibilita analisar o Lugar, enquanto categoria, norteado pela ação da percepção, a qual contém a presença da consciência em si e definindo a subjetividade enquanto experiência no Lugar. O Lugar, necessita de vivência e experimentação, da mesma forma que demanda afetividade.

O Lugar, para esta pesquisa, é compreendido na perspectiva da Geografia Humanista, a qual passa a analisar de forma mais adequada o estabelecimento das relações e conflitos que existem entre os diferentes grupos que vivenciam o espaço da escola, de forma tão expressiva podendo torná-lo um Lugar (ou não).

Desse modo, Paisagem e Lugar passam a se complementar no momento em que buscamos analisar a vivência dos professores no ambiente escolar para além do âmbito do trabalho, visto que para as relações de afetividade destes profissionais com a escola, alunos e demais sujeitos que a integram, seja essa afetividade positiva ou não, vai influenciar a maneira como os docentes a percebem.

CAPÍTULO 2

A ESCOLA COMO UM ESPAÇO VIVIDO

2.1. A Organização das Escolas Estaduais em Manaus

As escolas da rede pública estadual de ensino do Estado do Amazonas são vinculadas de forma administrativa e técnica à Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEDUC), tendo como mantenedor o Governo do Estado do Amazonas. A SEDUC Amazonas foi criada no ano de 1946 por meio da lei 1.596, de 05/01/1946.

Entre as suas diversas finalidades destacam-se a execução da Educação Básica sendo elas Ensino Fundamental, Ensino Médio e modalidades de ensino como Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Especial, Educação do Campo, Educação Escolar Quilombola, Educação Escolar Indígena e Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

De acordo com o Regimento Geral das Escolas da Rede Estadual de Ensino do Amazonas (2025) o ensino, ministrado pelas unidades escolares públicas estaduais, é baseado em alguns princípios, tais como: a igualdade de condições e oportunidades para o acesso, a permanência, participação e aprendizagem na escola; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; respeito à liberdade e apreço à tolerância; valorização do profissional da educação escolar; garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida e; respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdocegas e com deficiência auditiva.

No ano de 2007 foi criada a Lei Delegada nº 78, essa lei criou uma nova estrutura organizacional administrativa no estado do Amazonas, surgindo assim as Coordenadorias Distritais de Educação (CDEs). De acordo com Borges (2015), as CDEs foram criadas com o intuito de descentralizar a administração das demandas educacionais.

Dessa forma a Secretaria de Educação cria as secretarias geral e executiva, além de quatro secretarias adjuntas, sendo elas: Secretaria Adjunta da Capital, Secretaria Adjunta do Interior, Secretaria Adjunta Pedagógica e Secretaria Adjunta Administrativa e de Finanças. Nesta configuração organizacional, as CDEs encontram-se vinculadas à Secretaria Adjunta da Capital.

Segundo Amazonas (2007) as atribuições da Secretaria Adjunta da Capital são de coordenar e controlar as atividades desenvolvidas nas escolas estaduais intermediadas pelas Coordenadorias Distritais situadas na Capital,

promovendo a execução das políticas e diretrizes voltadas para a educação. Seus objetivos são voltados para a coordenação e a supervisão das atividades realizadas por sete Coordenadorias Distritais, responsáveis por cerca de 233 escolas estaduais em sua área de atuação.

A partir disso Borges (2015) afirma que o papel das CDEs é limitado ao de unidades administrativas intermediárias pois estas não detêm autoridade para ações extensivas, restringindo-se a fiscalizar, aconselhar e acompanhar as escolas diretamente com o gestor escolar, sem uma participação efetiva, construtiva e colaborativa na dinâmica da gestão escolar.

Em suma, sob uma perspectiva hierárquica, os coordenadores distritais encontram-se subordinados diretamente aos Secretários Executivos, porém ocupam uma posição superior aos demais servidores lotados nas Coordenadorias Distritais (assessores), que atuam como intermediários nas relações entre as escolas e a Sede da Seduc.

Dessa forma Borges afirma que:

Tomamos como agentes públicos, aqueles que atuam diretamente nas escolas, os supervisores pedagógicos e administrativos (técnicos) que acompanham as escolas em suas rotinas, tanto no sentido de intervenção pedagógica como também nas orientações administrativas. Os supervisores e demais agentes conduzem a informação que lhes são orientadas, assessoram de acordo com os princípios da hierarquia. Assim, nos parece que esses precisam de formação adequada para atuar de acordo com os princípios regidos a administração pública. (2015, p. 37)

Assim, foram estabelecidas, inicialmente, seis Coordenadorias Distritais de Educação, cada uma encarregada por uma determinada zona da cidade. Posteriormente, no ano de 2011 é criada a sétima Coordenadoria Distrital, chamada de Zona de Expansão, a segunda localizada na Zona Norte da capital amazonense, devido ao aumento significativo da demanda populacional nessa região.

De acordo com Barbosa (2012) o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que, em 1996, a Zona Norte de Manaus correspondia a 27,8% da população da capital. Dessa forma, essa área ocupava a quarta posição entre as zonas mais populosas, alcançando o primeiro lugar em 2010. De 1996 até 2010 essa região registrou um crescimento populacional de 195.9%, passando assim de 169.323 habitantes para 501.055.

Contudo, os dados do censo de 2022 publicado pelo IBGE, a área mais populosa de Manaus é a Zona Norte com cerca de 605.075 habitantes, um crescimento de 29,74% em relação ao censo de 2010.

Ainda com base nos dados do IBGE, seis dos dez bairros mais populosos da cidade de Manaus fazem parte da zona norte, sendo eles: Cidade Nova, Novo Aleixo, Cidade de Deus, Nova Cidade, Colônia Terra Nova e Lago Azul.

Em decorrência desse crescimento populacional acelerado, houve também um acréscimo nas demandas que afetaram as áreas sociais e econômicas, o que resultou na expansão do número de escolas na Zona Norte e, conseqüentemente, na divisão da Coordenadoria Distrital de Educação 6 para a formação da Coordenadoria Distrital de Educação 7 que possuem cerca de 27 e 32 escolas respectivamente.

Nesse sentido a pesquisa assume como *lócus* principal as escolas que estão sob a administração dessas duas CDEs, uma vez que elas estão em uma região densamente populada, desse modo, volta-se o olhar para as conseqüências que essa grande concentração populacional acarreta.

De acordo com Riccio et al. (2017) a violência está atrelada a diversas manifestações de criminalidade, ela ocorre em diversos espaços sociais tais como regiões de fronteiras e grandes regiões metropolitanas, como é o caso da zona norte da capital amazonense.

Nas regiões metropolitanas brasileiras, a problemática da violência torna-se mais evidente e passa a ser observada a partir da década de 1980, desse modo ocasionando os aumentos crescentes dos problemas sociais por ineficiência de políticas voltadas à segurança pública que sejam capazes de atender a toda população.

Ainda segundo os autores, o crescimento da violência está relacionado “[...] as condições sociais, ineficácia do sistema de justiça criminal, populações em situações de risco e aumento do tráfico de drogas” (Riccio et al. 2017, p. 101).

Como ressaltam Riccio et al. (2017):

O problema da violência aparece na percepção dos entrevistados que observam o Amazonas como um estado com visível aumento desse tipo de evento. Manaus já não é mais vista como uma capital tranquila,

em que todos se conhecem, mas uma cidade percebida como cada vez mais perigosa. O nível de violência não corresponde ao de metrópoles como o Rio de Janeiro [...] Entretanto, percebem ou experimentam a sensação de maior intranquilidade na cidade. Esta percepção é compartilhada tanto por profissionais de segurança, por habitantes da cidade e por demais integrantes do sistema de justiça criminal. (p. 105).

Desse modo, tornou-se necessário entender de que forma as escolas estão inseridas nesses desafios urbanos e como os professores que nelas atuam percebem os espaços onde passam a maior parte do seu tempo, além de como essa percepção influencia suas interações, experiências e suas vivências.

2.2. As Escolas Podem ser Paisagens e Lugares do Medo?

O Medo é um fenômeno constante na rotina de muitas pessoas, ele aparece por meio das mídias, sendo essas online, impressa e/ou televisionada, mostrando todos os dias notícias acerca do aumento dos índices de violência, aumento da criminalidade, homicídios, furtos e assaltos, sobretudo nos grandes centros urbanos fazendo com que os moradores desses centros fiquem cada vez mais reclusos dentro de suas residências em meio ao caos do dia a dia.

Brito (2022) afirma que o discurso do crime, que é exaltado nas mídias, acaba transformando a forma como os sujeitos vivenciam os espaços urbanos, especialmente os públicos, tornando-se um dos responsáveis diretos pela solidificação do sentimento e, também, pela transformação da paisagem urbana, uma vez que modifica a paisagem e o cenário das interações sociais deixando a cidade cheia de grades e muros.

Atualmente as cidades passaram a ser o principal cenário do Medo e/ou da sensação de temor e insegurança. Contudo, essa realidade tem ganhado uma escala considerável, a qual resulta em transformações que modificam e também impactam a rotina dos sujeitos.

O impacto que o medo e a percepção de insegurança exercem sobre a sociedade não pode ser ignorado, pois são fatores que influenciam, de forma direta e indireta, transformações significativas no comportamento dos sujeitos e na maneira como estes vivenciam os espaços.

Conforme Amaral (2018), a sensação de insegurança tem se tornado um aspecto cada vez mais presente no cenário das cidades brasileiras, destacando-

se de forma crescente na rotina dos centros urbanos do país. O principal fator associado a esse fenômeno é o medo, que, de maneira geral, é resultado da criminalidade e tende a se intensificar nos espaços urbanos.

Assim Amaral afirma que:

O ambiente citadino não é fator determinante para que os crimes ocorram, entretanto, as suas características contribuem para a ocorrência dos mesmos, por fatores como a segregação socioespacial, a concentração populacional e a desigualdade na distribuição de renda. (2018, p.20)

No contexto da região amazônica, Riccio et al. (2017) ressalta que existe um aumento significativo nos indicadores de violência, sobretudo pela falta de política pública de segurança adequada, tornando assim essa problemática cada vez mais difícil de enfrentar tendo como consequência a sua expansão.

Os autores ressaltam ainda que as razões para o aumento das taxas de crimes, de acordo com a população e dos policiais, vêm de diversos fatores estruturais como a falta de saneamento básico, êxodo rural da população rural para as áreas urbanas, aumento da periferia da cidade e a falta de controle dos pais sobre os mais jovens, além da questão da desestruturação familiar. Porém o principal responsável pela situação de insegurança é o tráfico de drogas.

De acordo com Tuan (2005), a cidade é um cenário cujas particularidades favorecem a criação de um conjunto de paisagens que representam o medo. O medo existe na mente e tem origem em circunstâncias externas que são realmente ameaçadoras.

Para Tuan as concepções acerca de uma “Paisagem do Medo” são diversas e são classificadas a partir de valores, atitudes e pelo comportamento perante o meio ambiente que tem a percepção como ponto principal na formação dessas paisagens.

Tuan (2005) ressalta que:

Paisagens do medo diz respeito tanto aos estados psicológicos como ao meio ambiente real. O que são paisagens do medo? São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De certa forma toda a construção humana – mental ou material – é componente da paisagem do medo, porque existe para controlar o caos. (p.12)

Os jovens adultos que têm acesso à educação não são tão suscetíveis a vivenciar a manifestação mais intensa do medo, ou seja, a experiência física desse temor, mas começam a demonstrar uma nova forma de receio.

O medo psicológico, originado pela apreensão em relação ao próprio futuro e aos caminhos tomados pela humanidade, torna-se cada vez mais comum nas reclamações desses indivíduos. Esse fato revela que a compreensão do medo vai além da percepção de seu aspecto físico, tornando-se também uma presença no contexto psicológico.

Tuan (2005) ressalta que esses medos mais contemporâneos são incentivos às pessoas a cada vez mais almejar um mundo melhor, sobretudo na questão da segurança, optando assim por espaços que os façam se sentir mais seguros, uma vez que o medo “não é apenas uma circunstância objetiva, mas também uma resposta subjetiva” (p.334).

O medo de um lugar, se consolida ou se constitui a partir de diferentes concepções que ao longo do tempo e através da cultura lhes foram impostos, visto que as percepções dos sujeitos podem variar sobre os lugares, ou seja, alguns sujeitos podem vivenciar um determinado espaço com a constante sensação de medo, seja por experiências vividas ou por experiências passadas por outros sujeitos, da mesma forma que na mesma paisagem pode haver sujeitos que a vivenciam sem essa percepção.

De todo modo Duarte (2019) ressalta que dois pontos devem ser considerados importantes acerca das paisagens do medo, o primeiro é que elas são construídas a partir da percepção e o segundo que elas representam uma forma de controle.

Assim, uma maneira de entender a ideia do medo está no aumento da separação e na perda das conexões pessoais entre os sujeitos. Com base nessas ideias, Tuan (2005) destaca que o medo, por um longo período, foi e continua sendo a causa principal para o estabelecimento ou fortalecimento do vínculo entre as pessoas, com a finalidade de reduzir as ameaças externas.

Os medos, segundo Tuan (2005), são experimentados pelos indivíduos e por conta disso são subjetivos, porém, alguns podem ser produzidos por meio de um “ambiente ameaçador”.

Contudo os medos, em cada estágio da vida, aparecem e desaparecem, pois existe uma tendência de simplificar as vivências com o medo a partir da

supressão de lembranças que foram desagradáveis. Para o autor, o medo pode ser conceituado como:

[...] um sentimento complexo, no qual se distinguem claramente dois componentes: sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme é detonado por um evento inesperado e impeditivo no meio ambiente, e a resposta instintiva do animal é enfrentar ou fugir. Por outro lado, a ansiedade é uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação. Comumente acontece quando um animal está em um ambiente estranho e desorientador, longe de seu território, dos objetos e figuras conhecidas que lhe dão apoio. (Tuan, 2005. p.10)

Além de subjetivo, o medo também pode ser considerado ambíguo, Delumeau afirma que a sensibilidade ao medo é um componente maior da experiência humana, o homem é por excelência “o ser que tem medo”.

Nesse sentido Delumeau (2009) descreve um escrito de Sartre em que este afirmava que o homem que não tem medo não é “normal” e que ter medo não tem a ver com não ter coragem, ele ressalta ainda que “a insegurança é o símbolo da morte” bem como a “segurança é o símbolo da vida”, uma vez que a necessidade de segurança é fundamental pois ela está na base da afetividade e da moral humana.

Desse modo Delumeau afirma que:

O medo é ambíguo. Inerente à nossa natureza é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte. “Sem o medo nenhuma espécie teria sobrevivido”. Mas, se ultrapassa uma dose suportável, ele se torna patológico e cria bloqueios. Pode-se morrer de medo, ou ao menos ficar paralisado por ele. (2009, p. 23-24)

De acordo com Brito (2022) o medo costuma alterar a vida das pessoas, uma vez que coloca sua rotina diária em constante estado de vigilância, alterando o comportamento de comunidades e, por consequência, da sociedade, ao ponto de remover a normalidade do “ir” e “vir” das pessoas.

Nesse sentido Lima e Pereira ressaltam que:

O medo tornou-se uma importante variável no cotidiano urbano, pois sua presença altera padrões de comportamentos banais, como o caminho que realizamos para voltar para casa, o modo que as mulheres seguram suas bolsas na rua, onde moramos e assim por diante. Novas relações estabelecem-se no espaço devido ao medo. A cidade modifica-se em sua forma, função e processo a partir da influência deste. (2007, p.9)

De certo modo, o medo encontra-se disposto nas paisagens. As paisagens estão em todos os lugares sendo compostas por diversos elementos, sendo esses objetivos e/ou subjetivos. Tuan (2005) destaca a paisagem como sendo formada de elementos psicológicos, porém reais, uma vez que os sujeitos possuem medo de cadáveres, furacões, hospitais cemitérios ao mesmo tempo podem ter medo de espíritos e bruxas.

Tuan (2005) ressalta que a formação das paisagens se dá pelo controle moral e social, seja por meio de uma construção intencional, normalmente promovida pelo Estado para o controle coletivo, ou por uma construção pessoal, que, de certo modo, também regula o comportamento individual.

Acerca do medo individual Delumeau (2009) afirma:

No sentido estrito e estreito do termo, o medo (individual) é uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação. (p.30)

Assim Duarte (2019) evidencia que ponto crucial nessas paisagens é o fator medo, que não apenas constitui o elemento formador, mas também nutre e define a paisagem, revelando uma espécie de interação entre o medo e o ambiente, uma relação mútua.

O espaço gerando o medo e o medo moldando o espaço, ou seja, paisagem e medo são intrinsecamente conectados. Diante do medo que experimentamos, buscamos formas de lidar com esse sentimento em relação às paisagens.

No ambiente urbano, Tuan divide as paisagens geradas pelo medo em dois aspectos: o medo do espaço físico e o medo entre os habitantes. No que se refere ao ambiente físico, ele cita exemplos comuns das cidades como desabamentos, incêndios e problemas no trânsito, esses elementos, juntamente com os habitantes, ajudam a criar paisagens do medo, sobretudo os elementos relacionados à criminalidade e a violência.

Com relação aos medos no espaço urbano, Brito (2022) ressalta que a dificuldade no acesso aos serviços de infraestrutura como transporte público, saúde, educação, segurança e saneamento, são consequências da segregação

urbana e ambiental e, somados a menor oportunidade de emprego formal, profissionalização e ao lazer são fatores que nos ajudam a entender as manifestações das desigualdades sociais, que se tornam cada vez mais evidentes nas sociedades urbanas.

Quando nos voltamos para o ambiente escolar percebemos que as escolas são um dos elementos que faz parte do planejamento urbano, visto que visam o atendimento das demandas sociais voltadas para o processo educacional.

No entanto, na maioria das vezes a violência escolar é desconsiderada como um dos fatores sociais que acarretam na forma como os sujeitos percebem estes espaços, sejam os moradores próximos ou os sujeitos que vivenciam as escolas como lugar de trabalho ou de passagem.

Silva et al (2022) afirma que a violência escolar não é um fenômeno novo, apesar de ter ganhado destaque a partir dos anos 1980, quando despertou interesse da comunidade acadêmica no Brasil, ela é um tema recorrente em vários países do mundo desde meados do século XX.

De acordo com Sposito (1998) a problemática da violência escolar é pouco investigada, em um período de 15 anos dos mais de seis mil trabalhos de pesquisas realizados nos cursos de pós-graduação em educação no Brasil, apenas quatro estavam voltados para examinar a violência nas escolas.

Atualmente as pesquisas acerca da violência escolar tem crescido e se expandido por meio de diálogos ligados a temas clássicos como planos de ação para a redução da violência escolar, como políticas públicas, gestão escolar e democrática e também sobre pautas ligadas a linha pós críticas como gênero, racismo e classe (Silva et al. 2022, p.6).

Sobre a importância desse tipo de pesquisa Sposito ressalta:

As reflexões a serem empreendidas devem incorporar o pressuposto de que não se trata de um fenômeno estritamente brasileiro. Por essas razões a análise das causas e das relações que geram condutas violentas no interior da instituição escolar impõe alguns desafios aos pesquisadores e profissionais do ensino, pois demanda tanto o conhecimento das especificidades das situações como a compreensão de processos mais abrangentes que produzem a violência como um componente da vida social e das instituições, em especial da escola, na sociedade contemporânea. (1998, p.59)

Segundo Magalhães (2023) a escola tem cada vez mais integrado os temas da sociedade, e seu papel tem se transformado em função disso. À medida que a sociedade evolui, a escola busca adaptar-se a essas mudanças no ambiente educacional e tentar reduzir os impactos negativos de problemas contemporâneos, como a violência.

O ambiente escolar hoje tornou-se um dos espaços em que se multiplicam diversas formas de violência e que acabam interferindo no processo de aprendizagem.

Assim a investigação acerca da violência escolar torna-se importante sobretudo para os sujeitos que vivenciam a escola diariamente como alunos, professores e demais servidores.

Nesta perspectiva, estes espaços podem tornar-se cada vez menos atrativos para os sujeitos que os vivenciam, alterando suas rotinas, seus cotidianos e seus modos de perceber o mundo-vivido, podendo ser concebidas então como um Lugar ou Paisagem do Medo.

Levando em consideração que o Lugar, para os sujeitos está relacionado diretamente à afetividade, muitos passam a ter diferentes apreensões destes lugares, assim como diferentes formas e relacionamentos com as paisagens ou lugares.

Assim Magalhães reitera:

As ameaças que resultam do aumento da violência, principalmente nos grandes centros urbanos, afetam diretamente a parcela mais jovem da população, pois estão sob a influência tanto das instituições que representam, como a escola, e os códigos de conduta representados pela rua, onde predomina, muitas vezes, a ação de grupos criminosos. (2023, p.50)

Nesse contexto e a partir da problemática da violência no espaço urbano as instituições de ensino, principalmente em áreas periféricas consideradas perigosas, passam a exibir uma sensação de insegurança para os estudantes e também para os professores.

Em suma, o medo, que pode ser considerado como uma forma diferente de construir as paisagens, e essas paisagens podem ser percebidas enquanto lugares de medo. De forma geral, o medo de um lugar pode ser solidificado a

partir das percepções diferentes que são impostas ao longo do tempo por meio da cultura, isso porque essas percepções variam de lugar para lugar.

Assim a escola, enquanto parte integrante da sociedade também passa a ter seu espaço transformado a partir da percepção dos sujeitos que a vivenciam por meio de suas experiências diárias. No contexto desta pesquisa, buscou-se estes ambientes para tentar compreender como se dá a percepção dos estudantes e dos profissionais que os consolidam enquanto lugar de vivência e/ou de trabalho.

CAPÍTULO 3

A ESCOLA ENQUANTO PAISAGEM DO MEDO: O
OLHAR DOS PROFESSORES

3.1. A Geografia a Partir das Experiências Humanas: a percepção

O marco inicial desta pesquisa foi descortinar os professores enquanto sujeitos a partir de suas vivências nas escolas e compreendidas a partir das categorias discutidas anteriormente, dando-se sob a perspectiva da fenomenologia.

Dessa forma, faz-se importante valorizar a percepção dos sujeitos participantes e suas subjetividades para entender como o medo e a violência, nas escolas e no seu entorno, impactam na sua vivência no local de trabalho. Por isso é importante entender um pouco sobre a percepção enquanto categoria nesta pesquisa.

O estudo da Percepção na ciência geográfica foi se aprimorando durante a elaboração do seu embasamento teórico metodológico, Nogueira (2014) afirma que ele se faz presente, ainda que de forma tímida, nos debates em vários momentos, sendo abordado pelas diversas escolas geográficas seja na relação dos aspectos econômicos ou nas relações com eventos catastróficos.

Segundo Oliveira (2017) na década de 1970, principalmente após Yi-Fu Tuan lançar o livro *Topofilia*, surgiu um interesse sobre a forma como as pessoas percebem o seu entorno, despertando a curiosidade em entender se a percepção geográfica mudava e em que medida, gerando, sobretudo, um crescimento de estudos e investigações sobre o tema.

A autora afirma que:

Para a ciência geográfica foi uma nova abertura, um novo e fértil campo de investigação científica. Coincide com a nova procura em ciência de se encontrar caminhos para a explicação das relações e por que não se apontar as reais interações entre sociedade e natureza, de uma maneira não quantificável. Coincide também com a procura de se valorizar e de melhorar as condições de vida, de compreender os mecanismos perceptivos e cognitivos com que o homem, quer como indivíduo, quer como grupo, relaciona-se com o meio ambiente. (Oliveira, 2017, p. 89-90)

A partir de então, foi desenvolvido um elo afetivo profundo e indissociável em uma visão ambiental que Tuan denominou de topofilia. Esse conceito foi propagado entre todos aqueles que interagem com o meio ambiente, vivenciado e definido, a partir de uma perspectiva de mundo.

Tuan (2012) conceitua Topofilia como “um elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (p.19). O autor destaca ainda que este é difuso como

conceito, vivido e concreto como experiência pessoal. Assim podemos considerar que Topofilia é uma atitude, um valor, um atributo coletivo e individual.

Nesse sentido Oliveira (2017) ressalta ainda que:

Assim, como as pessoas desenvolvem elos positivos em relação ao lugar, também relacionam-se com ele negativamente. Sentem aversão por este ou por outro lugar. Muitas vezes as razões são psicológicas e não naturais. A aversão não está contida no lugar, mas na própria pessoa. (p. 90)

A partir desse momento intensificam-se os estudos sobre a Percepção. Para Tuan (2012), preliminarmente, Percepção é “tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. (p.18)

O autor salienta que um aspecto comum entre os seres humanos que facilita a percepção são os sentidos. De acordo com ele, paladar, visão, tato, audição e olfato se combinam na constituição da percepção, porém, em seu dia a dia, o ser humano utiliza apenas uma pequena porção da sua habilidade para experimentar. Todavia, para o Tuan, o órgão do sentido mais exercitado é variável de acordo com o sujeito e sua cultura.

Desse modo Tuan afirma que:

Estamos sempre “em contato”. Por exemplo, neste momento podemos estar sentindo a pressão da cadeira contra nossas costas e a pressão do lápis em nossa mão. O tato é a experiência direta da resistência, à experiência direta do mundo como um sistema de resistências e de pressões que nos persuadem da existência de uma realidade independente de nossa imaginação. Ver não é ainda acreditar: por isso Cristo se ofereceu para ser *tocado* pelo apóstolo incrédulo. (2012, p.24-25)

Duarte (2019) enfatiza que o primeiro aspecto na formação da Percepção são os sentidos, eles são responsáveis pela assimilação dos fenômenos que existem no meio e pela experiência que, junto ao meio, é construída ao longo do tempo. “o exercício de cada sentido é individual e cultural” (p.67).

Com relação a visão Tuan (2012) afirma que o homem moderno utiliza quase nada do seu potencial sensorial no momento em que limita sua percepção

somente ao que os olhos oferecem, apesar de que para a maioria das pessoas a visão é sua faculdade mais valiosa. Da percepção visual, extraímos apenas certas informações e pontos de vista, presumimos que algumas coisas são agradáveis ou não, mas não as compreendemos plenamente.

Ver não envolve profundamente as nossas emoções. Podemos ver através da janela de um ônibus com ar-condicionado que a favela é feia e indesejável, mas o quão ela é indesejável atinge-nos com pungente força somente quando abrimos a janela e recebemos uma lufada dos esgotos pestilentos. Uma pessoa que simplesmente vê é um expectador, um observador, alguém que não está envolvido com a cena. (Tuan, 2012, p. 28)

Todavia, Tuan explica que atualmente a sociedade tende a sobrepor a visão do que os outros sentidos, isso se dá por conta da grande quantidade de elementos que ativam ou que aumentam atividade perceptiva da visão.

A partir disso Moreira (2023) ressalta que:

O homem vê o mundo de forma fracionada, onde procura estabelecer oposições e significados (...) por exemplo, as cores, o vermelho representam perigo, então o vermelho é perigoso, logo, o verde será a segurança. (...) Por outro lado, em outras culturas as cores podem ter outros significados. Contudo, salienta que nem todos nós temos os sentidos, e mesmo que tenhamos, as nossas sensações podem acontecer de formas diferentes. (p.61)

Nesse sentido, a maneira de perceber o mundo surge da consciência que o ser humano tem em relação aos outros povos, em diferentes épocas e locais, que moldaram seus mundos de formas muito distintas, como resultado da influência das diversas culturas acerca da percepção.

Essa perspectiva sobre o mundo pode ser percebida em uma escala na qual o porte dos objetos ou as dimensões espaciais diferem de uma cultura para a outra, ainda que o vínculo emocional permaneça.

Isso ocorre porque, de acordo com Tuan, a forma de perceber o mundo origina-se da consciência que o ser humano possui em relação a outras civilizações em distintas épocas e regiões, as quais edificaram suas realidades de formas variadas, influenciadas pelas múltiplas culturas sobre suas percepções.

Para isso é importante pensar na ideia de que os sentidos são os facilitadores das percepções dos sujeitos, pois alguns deles possuem uma

sensibilidade maior com o olfato, outras com diferenciar temperos por meio do paladar e até por ouvir à distância determinados barulhos. Por meio dessas diferenciações constroem-se as heranças dos ambientes e nossa cultura com os lugares.

No que diz respeito ao aspecto individual, Duarte (2019) ressalta que cada pessoa possui diferentes níveis de acuidades, e algumas não dispõem, sobretudo, da visão e da audição. É fundamental destacar a importância do uso dos sentidos em relação à paisagem, pois está diretamente conectada aos elementos ali presentes (p. 68).

O autor afirma ainda que há paisagens em que os sons são marcantes, enquanto que em outras o odor se sobressai, predominando assim a audição e o olfato sobre os demais sentidos.

Ainda sobre a formação da Percepção, Tuan (2012) acentua que ela é acompanhada de atitudes, que são moldadas pelos valores. Portanto, não basta apenas utilizarmos os sentidos, ou seja, não basta apenas ver, cheirar, tocar, provar ou ouvir; é essencial que tenhamos uma bagagem de experiências diante de cada elemento que se apresenta no ambiente para que a Percepção possa ser construída.

Moreira (2023) destaca que na Geografia do Comportamento e da percepção, o ser humano apreende o espaço que experimenta e vivencia, reagindo aos fenômenos que ocorrem no ambiente em que está inserido.

Em sua relação com a Geografia, dá a importância ao subjetivo e à consciência, pois é por meio dela que o sujeito manifesta sua intencionalidade, confere significados e constrói representações no espaço. “O lugar se constitui e é entendido como tal através das experiências e interações cotidianas com o meio” (Moreira, 2023, p. 57).

Assim, entende-se que o que é percebido está vinculado com as experiências de vida, conectando-se com a memória e com a imaginação. O lugar se define como um espaço de vivências captado pelo sujeito, que recorre à memória para associá-lo às imagens já vistas, a fim de conferir-lhe valor e significado.

Com relação à interpretação subjetiva da paisagem, Duncan (2004) ressalta que ela é constituída por um sistema de signos e está vinculada a três linhas de investigação, sendo elas o 1) relato de quem está inserido na

paisagem; 2) o relato de quem não faz parte da paisagem e; 3) a interpretação do geógrafo em relação ao conjunto desses signos.

Nesse sentido Duarte (2019) afirma que:

Por isso a interpretação da paisagem é uma prática que não está ligada apenas ao pesquisador, mas deve envolver também os sujeitos presentes ou não na paisagem. Quanto ao conjunto de signos, refere-se aos elementos que formam a paisagem, que não estão isolados e nem podem ser vistos isoladamente. (p. 32-33)

O autor destaca ainda que a sociedade, por intermédio da cultura, deixa a sua marca, ela constrói a sua paisagem. Assim através da paisagem desponta a concepção que direciona a interação entre sociedade e o meio ambiente. Essa relação representa a solidificação do estudo da paisagem, fundamentado na subjetividade tendo a fenomenologia como base.

Buttimer apud Nogueira (2014) infere que a fenomenologia convida cada sujeito a refletir sobre sua própria experiência, desafia o indivíduo a tornar-se sujeito mais do que objeto de pesquisa e, então, procurar por um denominador comum na experiência do outro. (p. 36)

Desse modo, a perspectiva fenomenológica da Geografia passou a não priorizar a descrição do mundo físico e humano para a descrição do mundo vivido, valorizando os elementos percebidos e interpretados pelos sujeitos que os experienciam (Nogueira, 2014)

As paisagens e os lugares representados nesta pesquisa pelos professores possuem uma interação que abrange, sobretudo, três sentidos, sendo eles a visão, o tato e a audição.

Esses sentidos são importantes na caracterização da paisagem e do lugar, pois eles são carregados por simbologias nos espaços das escolas, seja por meio das estruturas físicas, ora muito depredadas ou cheias de grades e no ambiente ao redor das escolas pois algumas são muito desertas e outras muito movimentadas.

Nos ruídos e, também, nos silêncios que tomam conta da paisagem como também nos contatos físicos que expõem os corpos à sensibilidade em relação a tudo que o cerca.

Nesse contexto, os sentidos são essenciais para a construção da percepção e a utilização da percepção é importante para valorização da

diversidade e da subjetividade humana, pois de acordo com Tuan, sabemos que atitudes e crenças não podem ser descartadas, nem mesmo da abordagem prática, pois é natural reconhecer as paixões humanas em qualquer cálculo ambiental.

“Elas não podem ser excluídas da abordagem teórica porque o homem é, de fato, o dominante ecológico e o seu comportamento deve ser compreendido em profundidade e não simplesmente mapeado”. (Tuan, 2012, p. 16)

3.2. Os Professores e a Escola

A escola, enquanto espaço que reflete as transformações da sociedade, desempenha um papel fundamental na compreensão de como essas mudanças impactam o cotidiano e a prática profissional dos professores, assim como a atuação dos demais servidores.

Na atualidade, a instituição enfrenta desafios como a inclusão digital, a diversificação dos métodos de ensino e as novas demandas socioemocionais dos alunos. Essas mudanças exigem adaptações constantes, promovendo reflexões sobre as práticas pedagógicas e a dinâmica escolar, de modo a atender às necessidades de todos os envolvidos no processo educativo.

Deste modo, não podemos nos voltar para a Escola em busca de analisar e/ou compreender apenas as mudanças didático-pedagógicas que lhes são demandadas sem compreendermos que os sujeitos que as vivenciam estão, direta e indiretamente, sendo afetados por essas mudanças e tendo suas relações com a Paisagem que se consolida, também, alteradas.

Para compreender a construção das relações nas escolas pesquisadas, foram realizadas conversas com professores e pedagogos. Esses profissionais foram escolhidos por estarem diretamente envolvidos no cotidiano escolar, vivenciando suas rotinas e interações. Além de conduzirem o processo educativo, são responsáveis pelo atendimento aos pais e/ou responsáveis e, principalmente, pelo vínculo diário com os estudantes.

Atualmente, as mudanças sociais exigem dos profissionais não apenas conhecimento pedagógico, mas também habilidades de comunicação, mediação

de conflitos e acolhimento sócio emocional, tornando sua atuação ainda mais complexa.

Consequentemente, isso resulta em uma maior cobrança na execução diária de suas funções, sobrecarregando esses profissionais, cujas dificuldades muitas vezes são invisibilizadas.

A observação das entrevistas realizadas com os professores revelou uma perspectiva complexa sobre a percepção do ambiente escolar. Os relatos evidenciam que, para muitos docentes, a escola deixou de ser apenas um espaço de trabalho e passou a ser também um ambiente de tensão e insegurança.

Essa percepção está alinhada com as discussões de Tuan (2013) acerca da transformação do Espaço em Lugar, onde a vivência e a experiência subjetiva influenciam a forma como os indivíduos se relacionam com o ambiente ao seu redor. No caso dos professores, essa transformação ocorre de maneira negativa, levando à caracterização da escola como uma Paisagem do Medo.

3.2.1 Sentimentos e Experiências dos Sujeitos

*“Se eu pudesse voltar no tempo,
acho que não escolheria ser professora”*
Professora Aurora

A partir das conversas com os participantes, pôde-se observar que os relatos apontam percepções comuns que contribuem para que a escola seja percebida como um Lugar do Medo.

Quando indagada se gosta de trabalhar em sua escola de lotação a professora Helena afirmou que seu sentimento mudou, segundo a professora, anteriormente gostava mais pois como relatou:

[...] eu já gostei mais. Hoje eu não me sinto mais em um espaço harmônico. Já tive muitos conflitos com os colegas, eu venho trabalhar e eu já não me sinto mais feliz como antes. Mas eu venho porque eu tenho bons colegas e eu gosto dos meus alunos, apesar dos pesares, tem muitos alunos que não valorizam a educação tem aqueles que ainda tem esperança num futuro através da educação. (Helena, Transcrição da entrevista, 2024)

A professora Maria Cecília, que trabalha em dois turnos distintos, na mesma escola, revelou que as relações interpessoais conturbadas com

alguns colegas fazem com que o sentimento de estar na escola não seja o mesmo de quando começou a trabalhar, há cerca de 10 anos. De acordo com a professora:

No matutino os professores são mais afastados, no noturno são mais acolhedores, tem alguns colegas que o “santo não bate” alguns tem a questão política, outros questões religiosas, questões que fogem o nosso entendimento. Ninguém é obrigado a gostar de ninguém, mas respeitar sim, só que tem colegas que por viés político eles desrespeitam a gente. Têm uns extremistas que são “doentes” e está chata a convivência, a gente não pode nem expressar nossas opiniões que eles já brigam aí começa uma discussão e isso está desgastando o grupo. (Maria Cecília, Transcrição de entrevista, 2024)

Outro exemplo sobre as dificuldades nas relações interpessoais e como isso afeta a percepção dos professores na escola apresenta-se no relato do professor Ravi, em uma das escolas que ele leciona houve diversas discussões com a diretora, segundo professor:

O quadro da gestão da escola era muito abusivo, a diretora gostava de dizer sempre que a gestão dela é democrática, mas isso é só no discurso. Quando tinha reunião ela não gostava de ouvir a opinião de mais ninguém e se o andamento das atividades não fosse como ela queria ela chegava a alterar o tom de voz e usando palavras grosseiras. Se ela tinha um problema com algum professor ao invés de chamar o professor pra conversar ela ficava expondo todos os problemas, uma vez o professor nem estava na reunião e nem pôde se defender. (Ravi, Transcrição de entrevista, 2024)

De acordo com o professor Ravi ele não gostava mais de ir para escola, pois o mesmo percebia a indisposição da gestão escolar nas questões apresentadas pelos professores e por isso quando teve oportunidade solicitou sua remoção para outra escola, sendo atendido no ano de 2024.

Ainda sobre as dificuldades com equipe gestora observa-se as falas da professora Aurora sobre o antigo gestor da escola em que atua como pedagoga:

[...] já estou a praticamente dez anos aqui e a minha experiência aqui sempre foi noturna, há dois anos pra cá passou a ser matutina também. No noturno eu conseguia ter uma boa relação com os colegas, mas assim, não era cem por cento, a gente sempre tem situações que marcam a gente. Um problema que me marcou de forma negativa foi um problema com a gestão, eu tive problema com a gestão, já passei por cinco gestores aqui e dentre esses cinco em um momento eu me senti desrespeitada a ponto de eu chegar, abrir a sala dele, dizer que queria falar, falei tudo o que eu queria falar e depois falei “agora o senhor pode falar, mas o senhor jamais vai fazer o que o senhor fez,

porque se o senhor gritar novamente lá fora eu vou gritar mais alto e aí o senhor não vai me reconhecer”, então a partir da minha imposição eu senti que ele deu uma “freada”, e eu ia fazer mesmo porque eu sou de cumprir com o que eu falo né? Então foi um momento que eu precisei fazer aquilo e cheguei a pensar na possibilidade de sair da escola porque eu não me sentia bem. (Aurora, Transcrição de entrevistas).

A professora Maria Alice também relatou problemas com gestão da escola, mostrando que essa problemática pode ser considerada recorrente em algumas escolas. De acordo com a professora:

Várias vezes já deu vontade de “chutar o pau da barraca” e sair da escola. O gestor ficava perseguindo os professores, não podíamos falar nada, se tivesse greve e fossemos, nós éramos perseguidos, éramos delatados e penalizados. Eu sempre tive a percepção de que é um direito. Na última greve, acho que foi em 2023, fomos ameaçados, descontaram do nosso salário os dias de greve, imagina só? Teve gente que descontou mais de setecentos reais, isso faz muita falta. (Maria Alice, Transcrição de entrevista, 2024)

Outra problemática relatada sobre a convivência com os colegas de trabalho foi apresentada pela professora Helena diz respeito às atividades na escola:

[...] com os professores eu me dou bem com a maioria, entretanto sempre tem aquelas divergências de opinião, não digo de opiniões pessoais eu digo de opiniões profissionais mesmo e acaba que isso incomoda quando a gente quer fazer eventos, quando a gente quer trabalhar com projetos, quando a gente quer também essa educação humanizada e outras pessoas não isso acaba gerando conflitos e aí esses conflitos, hoje, eles têm pesado pra mim não me sentir bem na escola. (Helena, Transcrição de entrevista, 2024)

De acordo com a professora a relação com os colegas vem se desgastando pois muitos não gostam de trabalhar com os projetos que são demandados às escolas e/ou com as chamadas “Aulas Exitosas” que passaram a ser solicitadas pela SEDUC como parte integrante do “Novo Ensino Médio” e, devido à isso passam a destratar os professores que participam ou optam por auxiliar à escola na execução dos projetos e atividades que são solicitadas.

O professor Miguel, durante a conversa, expôs que “as escolas deixaram de ser um lugar agradável de se estar”. No seu entendimento, o contexto

social que as escolas vivenciam na atualidade, exige que os profissionais que ali trabalham tenham uma conduta que não inclua o preconceito.

Hoje as escolas contam com uma diversidade enorme de sujeitos, sejam estes os profissionais e/ou os estudantes e membros da comunidade escolar.

Ainda segundo o professor Miguel:

Hoje a gente observa que a escola agrega uma grande diversidade de sujeitos, sejam estudantes ou os servidores e, muitos deles não sentem mais a necessidade de esconder seus modos de ver o mundo, então a sexualidade passou a ser mais aberta, não tem mais o medo de ficar se escondendo. Por um lado, isso é bom para os estudantes se expressarem, mas por outro traz alguns problemas [...]. (Miguel, Transcrição da entrevista, 2024)

Ainda em suas falas, o professor Miguel ressaltou que a “liberdade de expressar a sexualidade” continua sendo um tabu nas escolas. Segundo o professor, é muito comum os outros professores e demais servidores fazerem piadas com a sexualidade dos estudantes e, também, com outros colegas.

Para o professor, quando o grupo de professores não respeitam as particularidades dos sujeitos acabam por tornar a escola um Lugar não seguro, seja isso direcionado aos estudantes e/ou aos colegas, pois incentivam a violência e a escola deveria ser um lugar plural para todos os sujeitos.

A forma sobre como a sexualidade torna-se um problema no espaço escolar pode ser corroborada pela fala do professor Arthur:

[...] o que acontece é que nós temos alunas lésbicas e “afeminados” e muitos querem usar dessa “opção” para se sobressair, tem um aluno que agora usa o nome social, eu não tenho nenhum problema em chama-lo pelo nome feminino mesmo sabendo que é do sexo masculino, mas é um afeminado, aí vem a questão do respeito que é diferente de aceitar ou não. Eu digo sempre a eles “vocês são todos meus alunos, não tenho problema com a opção sexual, agora durante a minha aula aí eu quero todos no mesmo nível. O interessante é que eles aceitam, quando se tem o domínio acaba-se criando o respeito, mas tem que ter a rédea nas aulas se não eles ‘montam’”. (Arthur, Transcrição da entrevista, 2024)

Falas como a do Professor Arthur, incentivam e contribuem para situações vivenciadas por outros professores e estudantes. A exemplo, temos o relato do Professor Théo, que se autodeclara homem cis, homossexual e casado, que vivenciou momentos de ataques por parte dos estudantes de uma de suas turmas.

De acordo com o professor, alguns estudantes fizeram a busca de suas redes sociais e encontraram uma da qual não teria mais acesso/controlado onde não havia exposição de nada relacionado à trabalho e apresentava “curtidas” em conteúdos de interesse do mesmo e, os estudantes compartilharam “capturas de tela” de modo a constranger o professor e divulgar a respeito de sua sexualidade perante os demais estudantes e professores.

A partir do ocorrido, o professor Théo passou a sofrer “bullying” por parte de alguns alunos com a exposição do conteúdo de sua antiga rede social, deixando-o desmotivado e constrangido a ponto de acarretar em uma crise de ansiedade, passando a fazer uso de medicação e, conseqüentemente, para a necessidade de uma licença médica.

Ainda de acordo com o professor, os colegas de turno em solidariedade solicitaram a transferência dos estudantes que foram identificados como responsáveis. No entanto, ainda há o medo da exposição, visto que muitos estudantes não conseguem distinguir/diferenciar a vida pessoal e profissional dos docentes.

Estes cenários evidenciam uma mudança na percepção dos profissionais em relação ao seu lugar de trabalho, onde este passa a não ser mais um local afetivo. A professora Laura, por exemplo, relatou que sua percepção sobre o ambiente escolar mudou ao longo do tempo:

Hoje eu venho trabalhar obrigada, porque eu tenho contas pra pagar, mas eu já fui a pessoa, inclusive aqui, de ser chamada de porteira pelo meu marido e por outros colegas de trabalho, por ser uma das primeiras a chegar e sempre a última a sair porque eu gostava do meu ambiente de trabalho. Mas houve mudanças, houve conflitos [...]. Comecei a ficar muito frustrada, comecei a ter crises de ansiedade, que eu não sabia que eu tinha. (Laura, Transcrição de entrevista, 2024)

Esses relatos reforçam a ideia de Edward Relph (2014) sobre o enraizamento e o desenraizamento dos indivíduos em determinados lugares. Muitos professores inicialmente possuíam uma forte conexão afetiva com a escola, mas a mudança nas condições de trabalho e nos relacionamentos interpessoais provocou uma ruptura, levando a um afastamento emocional e psicológico.

3.2.2 Violência e Falta de Segurança

A violência e a falta de segurança nas escolas têm se tornado preocupações crescentes, impactando diretamente o ambiente de aprendizagem e o bem-estar de estudantes, professores e demais profissionais da educação.

A presença de agressões físicas, bullying, vandalismo e até mesmo episódios mais graves compromete não apenas a integridade física dos envolvidos, mas também a saúde mental e emocional da comunidade escolar.

O medo e a insegurança podem afetar o desempenho acadêmico, dificultar o relacionamento entre alunos e educadores e prejudicar a construção de um ambiente de ensino acolhedor e produtivo.

A insegurança dentro e fora do ambiente escolar foi apontada como uma das principais preocupações dos professores. A professora Maria Cecília relatou um episódio de assédio sexual por um aluno, o que a fez até mudar de escola.

Já tive problema com assédio sexual por aluno, chegou ao ponto de eu ter que fazer boletim de ocorrência, ele não parou e eu preferi mudar de escola por causa da minha própria segurança. Ele era meu aluno no EJA e ficava me perseguindo, na mente dele eu tinha que ter um romance com ele. Foi um evento muito chato, eu tenho pesadelo com isso até hoje. (Maria Cecília, Transcrição de entrevista, 2024)

Além disso, a localização da escola e o seu entorno também influenciam a percepção de segurança, seja por ser muito ou por ser pouco movimentado e ocupado. Considerando-se a escola para além de sua parte interna, professora Alice relata que:

Aqui atrás da escola e na lateral é um 'maconhódromo', se tivesse iluminação adequada, guarda, se a escola tivesse ronda escolar e vigilantes como tinha antes talvez esses problemas fossem coibidos, mas não é, às vezes até os alunos do noturno usam drogas ali. Outro dia os alunos foram assaltados, pegaram o ladrão e bateram nele. Se ele estivesse armado, teria matado um aluno. O secretário da escola saiu correndo pra tentar tirar os alunos de lá. O problema é da Secretaria de Educação, as escolas estão sem estrutura de segurança. (Alice, Transcrição de entrevista, 2024)

A professora Antonella relatou que não teve muitas opções ao escolher a escola em que foi lotada e por ter uma área grande de mata ela se sente insegura:

Eu sou professora do PS, estava dobrando carga (horária) e um professor efetivo ficou no meu lugar na outra escola aí tive que vir pra cá, mas não era minha primeira opção. Aqui durante o dia é até movimentado, mas a noite não é muito, quando chego eu estaciono rápido e entro logo na escola. Aqui dentro tem alunos que são meio “galerosos”¹ então eu tento não “bater de frente com eles” porque vai que eles arranhem meu carro. Um deles até disse que não era pra eu ter medo porque se soubessem que eu conhecia ele não iria me assaltar por aqui. A gente tem que “dançar conforme a música”. (Antonella, Transcrição de entrevista, 2024)

Mesmo quando a escola tem sua localização em áreas de grande fluxo populacional e de oferta de serviços, existem relatos de insegurança, justamente por conta desse grande fluxo populacional. Quando indagada sobre sentir-se segura onde a escola está localizada a professora Laura respondeu:

Não me sinto segura no bairro, quase todo dia um aluno sofre um assalto. Eu digo que não sofri um assalto ainda porque não ando de ônibus, mas aqui na parada de ônibus em frente à escola tem muito assalto. Já teve casos de pessoas de fora tentando agredir alunos, volta a questão de não ter segurança na escola, durante o dia a AGP da escola é mulher, a noite são homens, mas nenhum deles tem preparo pra agir em um momento desses, eles não têm equipamentos, a função deles é autorizar a entrada e a saída, só, e a gente sabe que uma escola grande eles nunca ficam só nessa demanda, sempre surge uma coisa ou outra, então não temos segurança. (Laura, Transcrição de entrevista, 2024)

Ainda de acordo com a professora, o descontentamento se dá com relação a segurança pública em um nível macro, pois ressalta que tem ciência de que muitos servidores conhecidos em outras escolas também têm a mesma sensação de insegurança em seus respectivos locais de trabalho. A professora evidenciou que:

E não é só problema dessa escola, acho que se estivesse em outra escola seria a mesma coisa porque o problema é da Secretaria de Educação, eles não se preocupam se estamos seguros ou não, já falei isso em reunião com o pessoal da coordenadoria. Porque estamos em uma via movimentada, isso dá uma falsa segurança de que talvez as pessoas não entrem tanto na escola. Tenho colegas em outras escolas que têm medo de estar dentro da escola porque já pularam o muro pra assaltar dentro da sala de aula. Aqui por ser mais movimentado não tenho medo dentro da escola mas tenho medo fora, quando saio de moto eu fico apreensiva e com medo de abrir o portão porque é nessa

¹ O termo “Galeroso” é um regionalismo amazonense que faz referência à sujeitos, que praticam roubos e furtos, anteriormente utilizado para se referir à jovens que integravam grupo de gangues, conhecidas em Manaus como “Galeras”.

hora que os alunos são assaltados e não é só a noite, semana passada uma aluna foi assaltada saindo do portão onze horas da manhã, da manhã. Não tem mais essa de ser dia ou noite, mas a noite tem o agravante do uso de drogas, porque muitos usuários ficam aqui fora da escola. (Laura, Transcrição de entrevista, 2024)

Nesse sentido o professor Théo também afirmou que se sente inseguro no local onde a escola está situada, o professor alega que:

[...] quando eu estou saindo e tenho que esperar meu marido vir me buscar eu fico dentro da escola pela segurança, hoje eu vejo que ficar lá fora é muito arriscado, muito, muito. Mesmo sendo em uma avenida movimentada e nem tem mais a questão do horário porque eu já vivenciei um assalto pela manhã e foi bem mais assustador do que quando acontece a noite. O homem passou perto do carro, puxou o celular da aluna quase na minha frente, todo mundo ficou sem reação e ninguém faz nada porque todo mundo fica com medo. 11h30 da manhã, em frente à escola. Essa questão de segurança, mesmo durante o dia, é bem complicada. Pela manhã algumas vezes os alunos correm para dentro da escola porque tá tendo arrastão aqui então o horário não influencia mais não, é manhã, tarde e noite. (Théo, Transcrição de entrevista).

Milton Santos (2012) argumenta que a paisagem não é fixa, mas sim dinâmica e, também, influenciada pelas relações sociais. O ambiente da escola reflete os problemas urbanos e de segurança da cidade, tornando-se um espaço onde as dinâmicas de violência da sociedade também se manifestam.

O medo ou a sensação de insegurança, mesmo nos ambientes escolares, influenciam e moldam a forma como os sujeitos organizam suas atividades, assim como passar a definir as rotinas que estes sujeitos antes seguiam.

Faz-se necessário “adaptar-se” à sensação da insegurança ou do medo e, este fator reflete a forma como as atividades funcionais são encaradas. Nesse sentido a professora Aurora afirma que:

Por alguns momentos eu cheguei a pensar que não queria vir pra cá, principalmente esse ano, esse ano foi um ano diferente dos outros nove que eu passei aqui, estava chegando a uma fase de ter medo, porque logo no início desse ano eu vi a violência de muito perto, eu não podia ouvir um grito aqui que eu já ficava “Meus Deus é confusão, é briga”, então eu já vinha de casa meio tensa pensando “será que vai ter confusão hoje?” então eu passei a ter medo. (Aurora, Transcrição de entrevista, 2024)

A professora Aurora, ressalta com certo “saudosismo” a forma como o seu trabalho se desenvolvia em anos anteriores, passando a ter constantemente a insegurança e o sentimento de medo como fatores presentes em seu trabalho.

Aquela situação de que eu sempre ficava só com os professores, aquela tranquilidade eu deixei de ter, eu já pedia pro administrador da escola “por favor não me deixa aqui sozinha” e ele já percebia que eu tinha medo e sempre ficava comigo na escola. Eu tinha todo esse apoio, mas eu tenho medo também porque a violência está muito presente entre os alunos, então eu já fico pensando “Meu Deus será que a gente vai ter que enfrentar alguma coisa?” Porque a gente está na linha de frente e isso me causava um certo impacto porque eu tenho minha família, eu tenho uma filha então isso mexe com toda uma questão psicológica. (Aurora, Transcrição de entrevista, 2024)

A Paisagem na escola pode mudar também de acordo com o perfil dos estudantes, mas também com a dinâmica do turno em que eles estão matriculados. A professora Alice, trabalha no turno matutino e noturno na mesma escola, quando questionada se percebia alguma diferença nos dois turnos ela afirma que:

Na realidade com o noturno a gente tem que ter um certo cuidado no “lidar” porque a gente vê pessoas que realmente não sabemos como vai ser. Eu sempre comparo que de manhã a gente consegue ser um pouco mais “durona”, a noite não, a gente precisa ter um certo cuidado, você precisa trazer o aluno, mostrar pra ele que você é amiga, eles precisam ter a confiança em ti. De manhã eles são mais “soltos”, tanto que mesmo sendo ensino médio eles chamam a gente de tia. (Alice, Transcrição de entrevista, 2024)

Com relação ao turno noturno a professora ressalta:

A noite eu me preocupo mais porque a gente sabe que os alunos que já trabalham, outros tem uma vida mais diferenciada né? Mesmo os que são menores de idade e eu fico com receio, fico mesmo porque a gente não sabe com quem está lidando. Às vezes a gente até consegue, a moça que fica no corredor sabe como lidar com eles tanto que eles até dizem “como ela pede legal a gente ouve, a gente vai obedecer”, infelizmente funciona dessa forma. É a mesma escola, mas o público faz com que pareça diferente. (Alice, Transcrição de entrevista, 2024)

Não à toa, percebe-se que a sensação de insegurança ou do medo tornou-se evidente em um nível maior na capital amazonense, quando a cidade passou a sofrer constantes ameaças de possíveis “ataques” às escolas. Tal

situação acarretou na consolidação de um cenário de medo e aumento da preocupação com a segurança das unidades escolares.

Em 2023, segundo o Portal Uol notícias, Manaus enfrentou uma série de ameaças e incidentes relacionados à segurança nas escolas, refletindo uma preocupação crescente com a violência no ambiente educacional.

De acordo com o site de notícias, em abril, um adolescente de 12 anos foi apreendido após ferir superficialmente uma professora e dois colegas com uma faca no Colégio Adventista de Manaus. O jovem também portava um coquetel molotov e outras armas brancas no momento do ataque.

Além desse episódio, o Portal D24-AM relatou que diversas ameaças de ataques foram registradas em escolas da capital e do interior do Amazonas. Até abril de 2023, as autoridades haviam apreendido 68 adolescentes suspeitos de envolvimento em ameaças contra unidades de ensino em Manaus e em 13 municípios do estado, evitando 56 possíveis ocorrências nas escolas.

Em resposta a essa onda de violência, medidas de segurança foram intensificadas nas instituições de ensino. A Prefeitura de Manaus contratou 350 agentes de portaria para atuar nas escolas municipais e implementou o projeto "Ronda nas Escolas" em parceria com a Secretaria Municipal de Segurança Pública e Defesa Social.

Além disso, escolas particulares adotaram medidas como o uso de detectores de metais e revistas nos alunos para prevenir possíveis incidentes. Já em relação às ações da SEDUC implantou o NISE (Núcleo de Inteligência em Segurança Escolar) que tem como objetivo acompanhar e prestar suporte às escolas com prevenção e orientação, além de ser um canal de comunicação para denúncias e acolhimento de vítimas de bullying, racismo, assédio entre outros tipos de violência e também para identificar o ato infracional, o autor bem como suas responsabilizações.

O NISE atua de forma integrada com a Secretaria de Segurança Pública (SSP-AM), por meio da Secretaria Executiva Adjunta de Inteligência (SEAI) e as polícias Civil e Militar.

No âmbito legislativo, foram propostos projetos de lei visando aumentar a segurança nas escolas do Amazonas. Entre eles, destaca-se a instituição da campanha "Escola Mais Segura no Amazonas", que busca promover debates e ações preventivas sobre violência no ambiente escolar.

Esses eventos evidenciam a necessidade de um esforço conjunto entre autoridades, comunidade escolar e sociedade para garantir um ambiente educacional seguro e propício ao aprendizado.

Essas ações por parte do poder público são importantes pois a ausência de medidas de segurança eficazes torna os docentes mais vulneráveis a situações de risco. Quando perguntada sobre as ameaças nas escolas em abril de 2023 a professora Maitê informou que:

Eu tive medo porque também tentaram fazer algo por aqui. Lembro que foi a tarde, quando a gente recebeu a ameaça a polícia toda veio pra cá, teve toda uma situação e quando chegamos a noite era assustador. Não sabíamos se ia haver aula ou não, no fim mandamos todos os alunos embora. Então qualquer coisinha que ouvíamos falar, qualquer informação assustava, colocaram uma informação em um grupo de Whatsapp de uma sala de aula, que iriam matar alguém, pronto! Aquilo ali causou pânico em todo mundo, inclusive nos pais. (Maitê, Transcrição de entrevista, 2024)

Indo ao encontro do relato da professora Maitê, a professora Antonella relata como a estrutura física da escola não passa a sensação de um local seguro, sobretudo no período em que ocorreram as ameaças nas escolas.

De jeito nenhum, eu já não me sinto segura na escola agora imagina naquele período. Os AGPs não são preparados, acho que a função deles nem é de proteger a escola, o sistema não se importa de termos aqui na escola mais de seiscentas pessoas ao mesmo tempo. Se acontecesse alguma coisa seria muito difícil a entrada da polícia, a escola não tem saída de emergência, só uma entrada, que é a mesma da saída, então ficamos na paranoia e com medo. Se tivesse um atentado poderiam segurar a porta da frente e sair todo mundo pela porta de emergência. (Maitê, Transcrição de entrevista, 2024)

Nesse sentido a professora Maria Cecília fala sobre como as medidas de segurança podem não trazer mudanças importantes para o cotidiano das escolas e diminuir a sensação de insegurança, a professora comunica que:

São muito importantes as ações que a SEDUC implantou quando criou o NISE, é importante pra reiterar o que já fazemos na escola porque todo ano nós trabalhamos com prevenção contra preconceito, contra violência. Mas a gente precisa também de segurança na escola, segurança de verdade, eu acho que só assim a gente se sente mais seguro pra trabalhar. (Maria Cecília, Transcrição de entrevista, 2024)

Um fator relevante que pode influenciar a percepção dos professores está relacionado ao gênero. Enquanto as professoras relataram sentir insegurança nas escolas, os professores afirmaram que essa questão não ocorre com tanta frequência.

Quando perguntado sobre a sensação de segurança na escola, o professor Arthur respondeu que vai trabalhar tranquilo “sem problema, eu tenho meu veículo então não enfrento nenhum problema.”

Sobre as ameaças de atentados nas escolas em 2023 o professor informou que:

Naquela situação de dez professores onze se sentiram inseguros, porque viemos de um acontecimento efêmero, foi uma coisa pontual, só que colocou em pânico toda a rede educacional. Aconteceu em escola particular então não teve um professor que se sentiu tranquilo, todos estávamos receosos. Conforme o pessoal da segurança começou a coibir, investigar e começaram a descobrir antes de acontecer, aí o medo começou a diminuir. (Arthur, Transcrição de entrevista, 2024)

O professor Bernardo compartilha da mesma percepção que o professor Arthur, sobretudo acerca da localização da escola:

A segurança é bem complicada, porque às vezes as escolas mais bem protegidas acontecem “sinistro” né? Então não tem como prever, essa escola é bem localizada e bem procurada. Tem aluno daqui de perto e aluno “lá dos confins”, então essa questão social é meio complicada, mas não é o caso de o professor vir temeroso à escola, apesar de sabermos que tem alunos aqui dentro que fazem coisas ilícitas, usam drogas no banheiro, principalmente os da noite. Mas no meu caso pessoal eu me sinto seguro aqui. (Bernardo, Transcrição de entrevista, 2024)

Em sua experiência ao longo de sua atividade profissional, o professor Miguel ressalta que houve um momento marcante no que diz respeito à sensação de insegurança que o fez mudar sua forma de abordagem com os estudantes:

Uma certa vez eu estava dando aula para uma turma de 1º ano do ensino médio e, durante a explicação do conteúdo percebi que três alunas estavam conversando e tirando “selfies” para postar nas redes sociais. Como elas estavam falando muito alto e incomodando os outros estudantes, eu fui chamar a atenção e uma delas alterou o tom de voz e então eu mandei para a sala do setor pedagógico. A aula continuou e como era a minha última aula da noite, terminei e fui

embora para casa. No dia seguinte eu soube que no fim do turno o pai e o primo da estudante entraram na escola para me agredir, pois “eu havia humilhado” a filha dele quando tirei ela de sala, ou seja, só não fui agredido aquela noite porque já tinha ido embora. Mas eu te pergunto o que teria acontecido se eu ainda tivesse aulas até o último tempo? Desde então, se os alunos querem ficar com o celular na mão ou se não querem prestar atenção na aula eu já não ligo, continuo com aqueles que aparentemente estão prestando atenção. (Miguel, Transcrição de entrevista, 2024)

Situações como a que fora relatada pelo Professor Miguel refletem a situação da insegurança sentida pelos profissionais no exercício de suas atividades docentes, o que acarreta em uma mudança na forma como os professores agem em suas aulas, assim como acarretam em dificuldades para manter sua rotina:

Eu criei uma utopia na educação né de que a gente aprende que se o professor se esforçar o aluno vai dar um bom retorno pra gente, mas nem sempre isso acontece, é uma mentira dizer que se o professor utilizar metodologias ativas, aprendizagem baseada em problemas, usar projetos o aluno vai se esforçar, tem aluno que simplesmente não quer e isso me frustrou. (Maria Cecília, Transcrição de entrevista, 2024).

A ideia de Paisagem do Medo, conforme discutida por Tuan (2013), fica evidente nos relatos dos professores. O medo modifica a percepção do espaço e influencia a forma como os indivíduos interagem com ele, reforçando a ideia de que a escola, nesse contexto, não é apenas um espaço de aprendizado, mas também um local de preocupação e vulnerabilidade.

A professora Maria Cecília compartilha sua experiência ao descrever o impacto emocional que sentia ao ir para a escola quando nos relata: “(...) já tive escola que, antes de sair de casa, me dava dor de barriga. Eu já passava mal, ficava pensando: ‘Meu Deus, vou ter que ir pra lá de novo, será que esse ano não vai acabar?’”.

Seu relato evidencia como o ambiente escolar pode ser fonte de angústia para os educadores, tornando-se uma paisagem marcada pelo medo e pela tensão diária.

3.2.3 Impacto na Prática Docente

Considerando-se os relatos nos quais exemplificam o cenário de violência e insegurança no qual vivenciam escolas, os professores precisam lidar não apenas com as adversidades do ensino, mas também com a constante preocupação com sua integridade física e emocional.

O medo, a sensação de vulnerabilidade e a necessidade de se adaptar a esse ambiente hostil traz como consequência o impacto, direto e indireto, na forma como os docentes exercem sua profissão.

Muitas vezes, a insegurança faz com que os professores mudem suas abordagens pedagógicas, evitem certos conflitos ou até reconsiderem a sua permanência em algumas escolas.

Observou-se nos relatos de alguns professores participantes, que a forma como se sentem na escola afeta diretamente sua prática pedagógica. A exemplo, a professora Helena mencionou que diante de alunos potencialmente problemáticos, prefere evitar conflitos:

Existem uns alunos aqui que a gente já percebe que são “encrenca”, só pelo jeito que se comportam já nos primeiros dias de aula. Quando eu vejo que o aluno vai arrumar confusão, seja comigo ou com os colegas, eu dou uma nota boa só para ele passar. Principalmente aqueles que são usuários de drogas. (Helena, Transcrição de entrevista, 2024)

Nesse sentido, observa-se que as atitudes dos estudantes impactam diretamente na forma como os professores vivenciam as escolas, uma vez que eles são parte fundamental da atual docente e têm reflexo direto nas suas práticas docentes. A professora Maitê revelou que:

[...] uma coisa que desmotiva muito é a falta de interesse dos alunos, isso tem sido cada vez mais frequente de uns três anos pra cá. Antes a gente até tinha alunos que se interessavam, poucos, mais tínhamos, hoje em dia, acho que no máximo cinco. Imagina cinco em uma turma de quarenta, quarenta e cinco alunos. Entrar na sala de aula e ver que, mesmo que a gente se esforce procurando outras metodologias eles não se esforçam, aí a vontade de entrar na sala some. (Maitê, Transcrição de entrevista, 2024)

Tendo a mesma percepção sobre o desinteresse dos estudantes a professora Laura relatou que já pensou em sair de licença por não se sentir que estava contribuindo na escola:

[...] é uma sensação muito estranha, parece que a gente vem pra escola pra fazer nada. Eu sempre gostei de dar aula, já me convidaram pra ir trabalhar na sede da SEDUC, na coordenadoria, mas eu nunca aceitei porque gostava de estar em sala de aula. Agora parece que eu não sou mais útil lá, já teve dias que eu preferi levar falta, mas ficar em casa do que vir pra cá. Eu penso muito em tentar pedir uma licença porque não estou mais conseguindo vir. (Laura, Transcrição de entrevista, 2024)

Outro fator que modifica a relação dos professores com a escola e conseqüentemente com sua prática pedagógica é a sensação de desrespeito que alguns docentes sentem em sua relação com os estudantes, e muitas vezes, até com os pais. Ao ser questionada sobre alguma situação que possa ter ocorrido com estudantes ou pais a professora Antonella relata que:

Eu já fui desrespeitada por uma mãe que dizia que o filho não ia pra escola por minha culpa, no ano todo ele tinha vinte presenças, ele quase não vinha pra escola. A mãe muito chateada queria me agredir, são situações que a gente se sente vulnerável porque a escola não tem segurança nenhuma. Se chegar um pai e entrar com más intenções não tem como ninguém defender a gente, a escola hoje é muito vulnerável, tem a primeira barreira que é o portão, mas se a pessoa chegar e disser que vai na secretária por exemplo, e lá ela resolve fazer alguma coisa não vai ter como impedir. (Antonella, Transcrição de entrevista)

A partir dessa situação a professora Antonella informou que começou a rever a forma de lidar com os alunos para evitar que aquele tipo de situações voltasse a acontecer. De acordo com a professora ela até começou a revisar o seu processo de atribuição de notas, “eu passo uma atividade mais fácil, fico aplicando recuperação o ano todo pra fazer com que esses possíveis problemas não aconteçam mais”.

O professor Bernardo também expôs uma situação sobre o desrespeito de alguns alunos, contudo de acordo com o docente, ele consegue solucionar essa problemática:

Os alunos sempre tem um ou outro que acaba desrespeitando, a grande maioria não tem mais essa ideia de “esperança na educação”, eles não vêm de um seio familiar estruturado, respeitoso então é muito difícil pra eles dar o que não recebem, muitos alunos mandam nos pais e eles querem trazer isso pra escola. Na minha sala de aula eles tentam fazer “piadinhas”, mas eu “corto” logo e na medida do possível vou

moldando eles, aí não deixo interferir na minha aula. (Bernardo, Relato de entrevista, 2024)

Ainda nesse contexto o professor Arthur também informa como consegue contornar algumas situações de desrespeito em sala de aula:

[...] às vezes o desrespeito acontece por conta de alguns alunos, não generalizando. Muitas vezes não recebem educação dos pais, vivem “ao léu” e nos desrespeitam. Nós temos como por rédeas, por exemplo, no meu tempo, na minha sala de aula eles sabem que a saída é limitada, tem que entregar os seus deveres corretamente, e tem os seus direitos. O “não” que eles não recebem no lar eles recebem aqui, o desrespeito não chega a ser um grau dez, é mais de birra, de ficar no celular enquanto a gente tá explicando, mas a gente consegue contornar. Nos primeiros dias de aula (do ano letivo), há doze anos é sempre falando dos “direitos e deveres”, “exceção ou regras” já deixo bem claro pra eles. Os pais também ficam sabendo durante as reuniões. (Arthur, Relato de entrevista, 2024)

Outra problemática que causa desconforto e insegurança na escola foi relatada pelo professor Ravi sobre as disciplinas do novo ensino médio. De acordo com o docente, essas disciplinas novas foram colocadas no currículo sem qualificar os professores e isso tem como consequência a incerteza sobre o domínio daquele conteúdo. Segundo o professor:

Eu sou professor de Física, eu me sinto preparado pra dar a minha aula sobre todos os conteúdos que eu aprendi, mas esse ano eu tive que pegar uma disciplina que se chama “Casa dos Sonhos Compartilhados”. Eu até hoje não entendi o motivo de essa disciplina existir ou porque a gente precisa ministrar ela, até porque na ementa não tem clareza sobre o que eu preciso fazer com os alunos nessa aula. Desde que eu comecei a dar essa disciplina, toda vez que é dia dela eu não tenho vontade de vir pra escola, eu sempre fico preocupado se eu vou ter o que falar com os alunos. (Ravi, Transcrição de entrevista, 2024)

Ao ouvir os relatos de todos os professores participantes, tornou-se evidente que a grande maioria expressa insatisfação, principalmente em relação à Secretaria de Educação.

A falta de valorização do trabalho dos profissionais da educação tem sido uma queixa recorrente, refletindo-se diretamente no cotidiano dos docentes e de toda a comunidade escolar. Essa negligência não apenas compromete a qualidade do ensino, mas também impacta o bem-estar e a motivação dos trabalhadores da educação.

Desse modo professora Aurora relata sua frustração enquanto profissional da educação:

“A minha frustração com a educação vai além do lugar escola, é quando a gente fala de SEDUC porque isso machuca muita a gente, a gente vem de um pós greve, de uma pós pandemia e a gente vê que o Governo não valoriza. A SEDUC desestabiliza o professor, quando a gente vai traçando uma linha de estudo, de trabalho, você se esforça, o aluno se esforça, mas aquele aluno que não se esforça ele tem mais benefícios. Quem se esforça passa com dificuldade porque ele teve vários conflitos durante o ano e o aluno que nem vem pra aula, o aluno que não faz nada a SEDUC nivela e pra não ter um grande índice de reprovação a gente tem que passar o aluno. Isso afeta muito a gente porque viemos de todo um trabalho e a gente vê todo esse trabalho sendo jogado fora. O aluno que se esforçou fica chateado, ele não vai em cima da SEDUC, ele vem em cima do professor. Quando isso acontece logo no primeiro bimestre, o aluno esforçado já não quer mais estudar porque ele viu que o outro que não faz nada passa também.”
(Aurora, Transcrição de entrevista, 2024)

Esse comportamento pode ser analisado à luz da Geografia Humanista, conforme apontado por Relph (2014), que enfatiza a influência das emoções e percepções dos sujeitos na forma como eles vivenciam os espaços.

A prática docente, que deveria ser pautada por critérios pedagógicos, acaba sendo afetada por questões emocionais e de segurança, demonstrando como o medo transforma não apenas a percepção do ambiente, mas também as interações dentro dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa ressaltou a importância de compreender a escola não apenas como uma instituição de ensino, mas como um espaço vivido, carregado de significados e experiências subjetivas.

A partir das bases da Geografia Humanista, que privilegia a percepção e a vivência dos sujeitos no espaço, compreendeu-se que os docentes experimentam a escola sob diferentes prismas, influenciados por suas trajetórias, relações interpessoais e pelo contexto urbano no qual estão inseridos.

Os relatos dos professores participantes evidenciaram que, em muitos casos, a escola se configura como uma "Paisagem do Medo", essa Paisagem é construída, fundamentalmente, a partir da percepção e, de certa forma representa uma forma de controle, o conceito foi proposto por Yi-Fu Tuan para descrever espaços nos quais o sentimento de insegurança predomina e interfere na vivência cotidiana.

Os relatos dos professores evidenciam que a localização das escolas, a presença de violência nas imediações, e que muitas vezes invade o ambiente escolar, a falta de segurança são fatores determinantes para essa percepção.

Outros pontos importantes são as relações conflituosas dentro da própria instituição, a desvalorização profissional e o impacto emocional, estes também contribuem para que muitos docentes vejam o espaço escolar não apenas como um local de trabalho, mas como um ambiente de tensão e preocupação constante.

Dessa forma, o medo não apenas altera a relação dos professores com o ambiente escolar, mas também influencia suas estratégias didáticas e pedagógicas.

A partir da perspectiva fenomenológica, compreende-se que o espaço escolar se torna um "Lugar" quando é carregado de significados e afetividade pelos sujeitos que o vivenciam. No entanto, para muitos docentes, a escola se distancia desse conceito positivo de lugar e assume características de um espaço hostil, marcado por desafios diários e pelo medo latente.

Essa transformação impacta diretamente na interação entre professores e alunos, na qualidade do ensino e na permanência dos profissionais da educação em determinadas instituições.

Ao relacionar os conceitos de Lugar e Paisagem com o medo e com a realidade das escolas pesquisadas, percebe-se que a vivência docente vai além das questões didáticas e estruturais. Os professores lidam cotidianamente com a incerteza e a vulnerabilidade, fatores que impactam sua percepção sobre o espaço de trabalho e sua permanência na profissão.

Diante disso, é essencial que as políticas públicas não apenas assegurem a estrutura física das escolas, mas também considerem os aspectos subjetivos que envolvem a vivência dos docentes.

A compreensão das entrevistas reforça a necessidade de políticas voltadas à segurança e bem-estar dos professores, garantindo que a escola seja um espaço não apenas de ensino e aprendizagem, mas também de proteção e acolhimento para todos os seus integrantes.

Os conceitos de Tuan e Relph demonstram que a percepção da escola enquanto Paisagem do Medo está diretamente relacionada à experiência vivida pelos docentes, ressaltando a importância de considerar as dimensões subjetivas do espaço no planejamento de políticas educacionais.

Em vista disso, a partir da construção dessa pesquisa busca-se contribuir para a compreensão das escolas enquanto espaços geográficos vividos, demonstrando a relação entre a insegurança, a percepção dos professores e a dinâmica escolar.

Espera-se que os resultados obtidos possam contribuir com discussões e reflexões que promovam um ambiente escolar mais acolhedor e seguro, resgatando o sentido de Lugar e pertencimento para aqueles que nele atuam.

REFERÊNCIAS

AMARAL, J. F. **Paisagens do Medo e Insegurança**: uma análise da arquitetura do medo na cidade de Viçosa – MG e no bairro Santa Clara. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geografia. Universidade Federal de Viçosa, 2018.

AMAZONAS. Governo do Estado. **Lei Delegada nº 78/2007**. Diário Oficial. 2007. Disponível em <<https://diario.imprensaoficial.am.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/13040/#/p:14/e:13040>>. Acesso em: out. 2024.

AMAZONAS, Governo do Estado do. Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar. **Regimento Geral das Escolas da Rede Estadual de Ensino do Amazonas**: capital e interior, 2025.

BARBOSA, A. C. **População da zona Norte de Manaus cresceu 195% em 14 anos**. Jornal “A crítica”. Edição de 30 set. 2012. Manaus. Disponível em <<https://www.acritica.com/manaus/populac-o-da-zona-norte-de-manaus-cresceu-195-em-14-anos-1.121205>>. Acesso em out. 2024.

BERQUE, A. Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs). **Geografia Cultural**: Uma antologia (vol 1). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

BORGES, W. V.B. B. **Os Efeitos da Implementação das Coordenadorias Distritais de Educação na Gestão das Escolas Estaduais da Zona Norte de Manaus**. 2015. Dissertação (Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

BRITO, M. S. S. **Paisagem e Lugar**: Um estudo sobre os terminais de integração em Manaus – AM. 2022. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, 2022.

CHAVEIRO, E. F. Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência. in MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs). **Qual o Espaço do Lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

DARDEL, E, **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo. Perspectiva, 2011.

DELUMEAU, J. **História do Medo no Ocidente**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO DA ALEAM. **Segurança nas escolas motiva postura de projetos de Lei na Assembleia Legislativa do Amazonas**. Assembleia Legislativa do Amazonas, 2023. Disponível em <<https://www.aleam.gov.br/seguranca-nas-escolas-motiva-propositura-de-projetos-de-lei-na-assembleia-legislativa-do-amazonas/>>. Acesso em: fev de 2025

DUARTE, R. L. **Percepção da Criminalidade e da violência em Manaus**: as paisagens do medo dos estudantes do ensino médio. 2019. 100 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

DUNCAN, J. A Paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

DURÃES, M.; CHAGAS, .; VILAS BOAS, P. **Adolescente armado é apreendido após tentativa de ataque em escola no AM**. Uol Cotidiano, 2023. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/04/10/manaus-ataque-escola.htm>>. Acesso em fev. 2025.

GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1996.

HOLZER, W. **A Geografia Humanista – sua trajetória de 1950 – 1990**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

_____. A trajeção: reflexões teóricas sobre a paisagem vernacular. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008a.

_____. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, Edição Comemorativa. P. 137-147, 2008b.

_____. Mundo e Lugar: O ensaio da geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. Rio de Janeiro: São Paulo: Perspectiva, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Densidade Demográfica**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/panorama>>. Acesso em out. 2024

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Atlas da violência: retratos dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro, 2019.

LIMA, B. F. M. P.; PEREIRA, V. **Geografias do Medo**: representações da violência urbana na vida cotidiana de Belo Horizonte. Anais do XI Encuentro de Geógrafos da América Latina. Bogotá: Colômbia, 2007. Disponível em <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal11/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/25.pdf>>. Acesso em jan. 2025.

Lima, T.C.S de; Mioto, R.C.T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico**: a pesquisa bibliográfica. Katál, Florianópolis, v.10, spe, 2007.

LOPES, A. **Após ameaças de ataques, escolas ficam em alerta no AM**. Portal d24 am, 2023. Disponível em: <<https://d24am.com/amazonas/apos-ameacas-de-ataques-escolas-ficam-em-alerta-em-todo-am/>>. Acesso em fev. 2025

MAGALHÃES, R. S. **Escolas Sitiadas**: Os impactos do tráfico de drogas nas escolas públicas de Manaus. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, 2023.

MORAES, A C R e COSTA, W M. **Geografia critica a valorização do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1987.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 21 ed. São Paulo: Annablume, 2007. 152 p.

MOREIRA, K. C. **Percepção e Memória do Lugar**: o nascer do ramal Pic Bela Vista km 6, Iranduba – AM. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas. Manaus. 2023.

NOGUEIRA, A. R. B. **Percepção e Representação Gráfica**: a geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Manaus: EDUA, 2014.

OLIVEIRA, L. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. Rio de Janeiro: São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. **Percepção do Meio Ambiente**: Estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. MARANDOLA JR, E; CAVALCANTE, T. V. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

Portal da Transparência do Governo Federal, Registro Civil por Estado/Município: banco de dados. Disponível em: <<https://transparencia.registrocivil.org.br/inicio>>. Acesso em fev. 2025

RELPH, E. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. in MARANDOLA JR, E; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs). **Qual o Espaço do Lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RICCIO, Vicente. et al. A Violência no Amazonas: análise crítica segundo percepção da população e dos profissionais de segurança pública. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**. Aracaju: V.5. N.3. p. 99 – 111. fev, 2017.

ROCHA, D. **Escolas do AM reforçam cuidados no dia 20, mas aulas estão mantidas**. Amazonas Atual, 2023. Disponível em <<https://amazonasatual.com.br/escolas-do-am-reforcaram-cuidados-no-dia-20-mas-aulas-estao-mantidas/>>. Acesso em fev. de 2025.

ROCHA, S. A. **Geografia Humanista**: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. Revista RA'EGA – O Espaço Geográfico em Análise. Curitiba, n 13, p. 19-27, 2007.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Edusp. 2008.

_____. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Edusp. 5. Ed., 2012.

SAUER, C. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato.; ROZENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Geografia Cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

SERPA, A. **Por uma Geografia dos Espaços Vividos: geografia e fenomenologia.** São Paulo: Contexto, 2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico: Diretrizes para o trabalho didático-científico na universidade.** 23 ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, S. G; LIMA JUNIOR, P.; CARUSO, H. **A Violência Urbana e Escolar nas Periferias de Brasília.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 43, e248105, 2022.

SODRÉ, N. W. **Introdução à Geografia: Geografia e Ideologia.** 9 ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1993.

SOUZA, M. L. **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Socioespacial.** Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. 6ª ed. 2021.

SOUZA, V. C. Fundamentos Teóricos, Epistemológicos e Didáticos no Ensino de Geografia: bases para a formação do pensamento espacial crítico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia.** Rio de Janeiro. V. 1. N. 1. jan./jun. p. 47-67. 2011.

SPOSITO, M. P. **A Instituição Escolar e a Violência.** Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas). n 104, p. 58-75. São Paulo, 1998.

TANAKA, J. E. C. O Espaço em Kant e suas contribuições na definição do conceito de região. In: GODOY, P. R. T. (Org.). **História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

TUAN, Y F. **Paisagens do Medo.** Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005.

_____. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente;** Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência;** Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO CONVERSA EM CAMPO

1. Há quanto tempo você é servidor da educação?
2. Há quanto tempo você trabalha nesta escola?
3. Você trabalha em outras escolas além desta?
4. Quantos turnos você trabalha? Todos são na mesma escola?
5. Você gosta de trabalhar nesta escola? Por quê?
6. Você já se sentiu desrespeitado nesta escola? Se sim, poderia compartilhar um exemplo?
7. Quais diferenças você percebe entre as escolas onde já trabalhou?
8. Qual é o seu sentimento ao sair de casa para vir à escola?
9. Você já vivenciou alguma situação inesperada envolvendo alunos, pais ou a gestão escolar? Se sim, pode compartilhar como aconteceu?
10. Você se sente seguro no entorno da escola?
11. Durante os ataques às escolas no início de 2023, você se sentiu inseguro nesta escola?
12. A forma como você se sente na escola impacta sua didática em sala de aula?
13. Quais são os maiores desafios que você enfrenta no dia a dia como professor nesta escola?

14. Como é o relacionamento entre os professores nesta escola? Há um senso de colaboração e apoio?

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu,....., portador(a) do RG N°....., CPF....., vinculado(a) a Instituição na função de () docente, () pesquisador(a) () outro: desenvolvendo a pesquisa intitulada “.....”, com aplicação na Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar – SEDUC-AM, **declaro-me ciente e de acordo com os critérios estabelecidos abaixo:**

1. Dados e arquivos fornecidos pela SEDUC deverão ser usados, guardados e preservados em sigilo, e que eventual divulgação será feita em estrita observação aos princípios éticos de pesquisa, resguardando-se ainda os termos do Art. 5º da Constituição Federal de 1988, especialmente no tocante ao direito à intimidade e a privacidade dos(as) consultados(as), sejam eles(elas) pacientes ou não.
2. De que eventuais informações a serem divulgadas serão única e exclusivamente para fins de pesquisa científica, sendo vedado uso das informações em publicação em quaisquer meios de comunicação de massa, tais como televisão, jornais, periódicos e revistas, entre outros aqui não especificados, que não guardem compromisso ou relação científica.

COMPROMETO-ME com a guarda e sigilo das informações pessoais: como nome, idade, sexo, nome de instituições que porventura possam compor dados tanto quantitativos quanto qualitativos da pesquisa ora proposta, sob pena de responsabilização civil, penal e administrativa.

Manaus, de de

ASSINATURA DO(A) PESQUISADOR(A)

CPF:.....

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E DESPORTO ESCOLAR
SECRETARIA EXECUTIVA ADJUNTA PEDAGÓGICA

TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do Projeto intitulado: **“Paisagem e Lugar: A percepção dos Professores de Escolas Públicas acerca do Espaço Escolar como Paisagem de medo”**, tendo como responsável o pesquisador e discente **Carlos Silva da Costa Brito**, aluno e pesquisador de campo da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, do curso de Pós-Graduação em Geografia, **tendo anuência** desta Secretaria Executiva Adjunta Pedagógica para aplicar os instrumentos de coleta, nas seguintes escolas de Manaus/Am:

O **prazo** de validade, deste Termo de Anuência está de acordo com o cronograma apresentado pela pesquisadora, e **se encerra em dezembro de 2024**.

Manaus, 18 de julho de 2024.

(documento assinado digitalmente)

Arlete Ferreira Mendonça

Secretária de Estado de Educação e Desporto Escolar
Decreto de 22.01.2024